

## **As peripécias da família do imigrante Johann Peter Schmitz na Colônia Santa Isabel e imediações**

**Anildo Schmitz<sup>1</sup>**

O ponto de partida para a emigração alemã ao Brasil se deu em 1824, ano de fundação da primeira colônia “oficial” de imigrantes alemães no país, em São Leopoldo, no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul<sup>2</sup>. Nesta época a província de Santa Catarina contava com três vilas (Lages, Laguna e São Francisco) e uma cidade (Nossa Senhora do Desterro), a Capital. A única ligação da capital com a Vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages era um simples caminho de cargueiros, por entre a mata virgem. Esta ligação não poderia ser considerada uma estrada<sup>3</sup>, uma vez que o caminho seguia pela mata virgem e após adentrá-la, o viajante ou a comitiva era simplesmente engolido pela floresta.

### **A partida em busca do sonho**

A onda imigratória para a América, neste caso para o Brasil, que percorria toda a Europa provocando verdadeira euforia, chegou ao pequeno lugarejo de Löffelscheid, atual Peterswald-Löffelscheid, na região do Hunsrück, Renânia-Palatinado, antiga Prússia,

---

<sup>1</sup> Nascido (e residente) em 26/06/1959, Rio das Pedras, interior do Município de Anitápolis/SC. cursou Ensino Fundamental (1965/1973) e Médio (1981/1983) na atual EEB Altino Flores, Anitápolis/SC. Professor aposentado, formado em Pedagogia das Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela UNISUL, com Especialização na mesma área pela UNIESC/DOM BOSCO, em Gestão Escolar pela UDESC e Tutoria em EAD pela UNIESC/UNIGRAN. Atualmente taxista autônomo em Anitápolis. Iniciou pesquisas sobre genealogia da família SCHMITZ em 2000, incentivado pela curiosidade e o desejo de saber sobre as origens da família, quando incentivava seus alunos da terceira série do Ensino Fundamental a buscarem os nomes de seus ascendentes. Contato: [schmitzanildo@gmail.com](mailto:schmitzanildo@gmail.com)

<sup>2</sup> Embora já houvesse colonização por imigrantes alemães em outras regiões do país, em menor escala, e não com os mesmos objetivos das colônias instituídas no sul do Brasil.

<sup>3</sup> Grifos meus, uma vez que a estrada só veio a se concretizar anos mais tarde à medida que a colonização se expandiu. Hoje temos no mesmo sentido do antigo trajeto, mas nem sempre sobreposta, a rodovia BR 282 que parte de Florianópolis ao oeste catarinense.

hoje Alemanha. Após ouvir, através dos agenciadores (especialistas em convencer pela palavra, espalhados por toda a região), as promessas do governo brasileiro (atrativas, mas muitas vezes inverídicas feitas à revelia pelos agenciadores e seus representantes), até mesmo quem sempre se mostrara radicalmente contra o movimento, aderiu à grande lista de sonhadores na busca de um novo mundo, e com um pouco de sorte e boa vontade, de um futuro mais promissor ou, quem sabe, até a riqueza.

A imigração em massa para o Brasil não era vista com bons olhos por muita gente, os quais se mostravam terminantemente contrária à prática, mas as promessas dos agenciadores juntamente com as dificuldades enfrentadas, pelos possíveis emigrantes na terra natal, levaram muitos a uma mudança radical de opinião a respeito do Brasil. Não era uma simples aventura, mas sim uma questão de sobrevivência e uma fuga da precariedade que se encontravam. A maioria destes “sonhadores”, que nem mesmo possuíam um pedaço de terras para plantar e garantir a sobrevivência da família, repentinamente via a oportunidade de possuir um terreno grande o bastante para toda a família. Além do mais, quem poderia resistir à tentação de dar a seus filhos, a segurança de progredir com dignidade, numa terra distante, é verdade, mas onde era possível produzir batatas<sup>4</sup> “do tamanho da cabeça de uma pessoa, onde até o café (produto caríssimo na Europa e fora do poder aquisitivo dos imigrantes em potencial), dava em árvores”<sup>5</sup>. Ou seja, fartura a vista.

*Após o sofrimento vem a alegria.<sup>6</sup>*

*Este ditado já tornou-se verdade para muitos. Também em minha vida revezam-se sofrimentos e alegrias.*

*Talvez seja interessante para mim ou outro, dar um olhar sobre o decorrer de minha vida. É por esta razão que resolvi escrever o que aconteceu comigo. Antes de começar quero, porém, pedir que perdoem o meu escrever; desculpar meus erros gramaticais e sim concentrar-se mais no sentido da minha narrativa do que na ortografia. (SCHMITZ, 1867, p. 153).*

---

<sup>4</sup> Ainda hoje, os descendentes de alemães são chamados pejorativamente de “alemão batata”. Isto porque as terras eram escassas e batata poderia ser produzido em quantidade em pouco espaço e num curto de tempo. Considerando ainda que na maioria das vezes era o único alimento que possuíam ou que conseguem plantar durante o pouco tempo que lhes sobrava, pois a maioria trabalhava para grandes produtores para que os familiares de seus serviços não morressem de fome, cediam pequenos espaços, aproveitados para plantar batatas (a informação acima é fruto de leituras diversas e comentários fluentes entre os descendentes dos Schmitz, mas não registrados).

<sup>5</sup> Também aqui se refere a diálogos ouvidos ao longo dos anos mediante a convivência do autor com outros imigrantes que chegaram mais tarde no Brasil, e era comum comentarem o acima descrito e acrescentavam a facilidade com que aprenderam a fabricar a cachaça brasileira, produto fora do alcance do fraco poder aquisitivo dos imigrantes na Alemanha.

<sup>6</sup> Texto escrito por Mathias Schmitz, autor de uma famosa Crônica relatando as peripécias e contratemplos de um grupo de pioneiros, por ele (Mathias Schmitz) liderados, que deixaram sua terra natal e migraram da Alemanha para o Brasil. A mencionada Crônica foi publicada na Revista Blumenau em Cadernos, em Blumenau/SC, em 1987. Esta é uma tradução aceita e utilizada por pesquisadores e cronistas sobre o tema “Imigração Alemã”, mas infelizmente a busca pelos manuscritos originais (em alemão) de Mathias Schmitz não lograram êxito.

Um jovem auxiliar de professor<sup>7</sup> de apenas 20 anos, MATHIAS SCHMITZ, avesso a imigração, após muito refletir a situação familiar e de amigos na terra natal, após ouvir as promessas dos agenciadores, resolveu juntamente com um grupo de pessoas do vilarejo de Löffelscheid, aderir ao grupo dos que se arriscavam na busca de novas esperanças e justamente para o Brasil. O que a princípio era apenas uma viagem para uma terra desconhecida, tornou-se uma verdadeira epopeia e o jovem Mathias Schmitz, talvez por ser o mais informado do grupo, acabou por tornar-se o líder. E na qualidade de líder procurou conduzir com dignidade seus liderados, da Europa (Löffelscheid) até Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC<sup>8</sup>.

Mathias Schmitz é filho de Johann Peter Schmitz<sup>9</sup> e Anna Maria Meurer, neto de Georg Schmitz e Anna Catharina Quint, bisneto de Peter Schmitz e Bárbara Niesen. Veio ao Brasil com seus pais e dois irmãos, Johann Peter e Peter (gêmeos de 16 anos). A família veio incompleta um vez que ficaram em Löffelscheid, Renânia-Palatinado, Alemanha, mais cinco irmãos: Peter Schmitz, Franz Schmitz, Johann ( ) Schmitz, Johann ( ) Schmitz e Elizabetha Schmitz.

No decorrer da trajetória, Mathias Schmitz fez anotações importantes sobre os acontecimentos desde a saída da terra natal até todos os seus liderados se instalarem em suas glebas na Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC. Suas anotações já serviram de base para muitas pesquisas a respeito do tema “Imigração Alemã”. Chegou a escrever uma crônica que foi publicada no Blumenau em cadernos, com duas versões conhecidas e publicadas<sup>10</sup>. O presente texto tem por base as informações contidas nestas versões da Crônica “O Diário de Mathias Schmitz” como é conhecida.

O jovem Mathias Schmitz<sup>11</sup> relata sua aversão à emigração e da falsa ideia de que muitos tinham de um Brasil selvagem e repleto de perigos para qualquer ser civilizado.

*Já como escolar e mais ainda como adolescente, eu tinha uma aversão enorme pela emigração e principalmente para o Brasil. Somente ao ouvir o nome já sentia arrepios, porque imaginava a terra bem diferente do que mais tarde conheci.*

---

<sup>7</sup> Mathias era sem dúvida o mais culto dos primeiros moradores de Löffelscheidt. Embora muito jovem servira, três anos antes da imigração, como Professor auxiliar em Moritzheim, Alemanha (SCHADEN, 1946, p. 32)

<sup>8</sup> O antigo território da Colônia Santa Isabel hoje abrange os Município de Rancho Queimado, Águas Mornas e pequena parte de Angelina e São Pedro de Alcântara.

<sup>9</sup> Informações fornecidas por Roberto Petroucic que mantinha suas pesquisas em Rootswebe.com atualmente sem acesso.

<sup>10</sup> Há duas versões publicadas do Diário/Crônica de Mathias Schmitz.

A primeira versão: Blumenau em Cadernos, Tomo XXVIII, nº 5, de maio de 1987, p. 153/163. Sempre que, no presente artigo, for mencionado o SCHMITZ, 1987, estamos fazendo da referência acima à versão acima, intitulada “A Vida de Um Alemão no Brasil” (Extraído do Calendário para os Alemães no Brasil, 1899, editado pelo W. Rotermund, em São Leopoldo/RS, (do Diário de Mathias Schmitz sob o título “*Aus dem Leben eines Deutschen in Brasilien*”, organizado por H. Schauffler – então professor na escola de Teresópolis.

A segunda versão: Encontramos o mesmo texto, embora com algumas variações publicada no mesmo Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, de dezembro de 1966, com o mesmo título, p. 227/249.

<sup>11</sup> Mathias Schmitz é irmão de Johann Peter Schmitz (Filho) meu trisavô, portanto, Mathias é o que podemos chamar de tio trisavô.

*Eu imaginava uma terra totalmente selvagem, onde seus moradores eram seres humanos só na denominação e que mais se pareciam com animais. Uma terra na qual, atrás de cada arbusto corria-se o risco de ser mordido por uma cobra ou outro animal selvagem. (SCHMITZ, 1987, p. 153).*

Mesmo assim, contrariando seus princípios, superando seus medos e sentindo que não mais havia perspectiva de futuro na terra natal, os atrativos da propaganda brasileira e a perspectiva de ser algo mais que um simples auxiliar de professor, falou mais alto e até mesmo o jovem Mathias, que até então nem mesmo suportara a simples ideia de imigração para o Brasil, mudou de opinião, conforme relata:

*(...) mesmo com todos estes perigos em mente, seja como Deus quiser! Aqui na Alemanha não há futuro para mim. Eu resolvi acompanhar, aos 20 anos, meus pais<sup>12</sup> e mais outros emigrantes para o Brasil.*

*Onze famílias<sup>13</sup>, entre as quais estavam filhos e filhas já adultos. Partiram certo dia, cantando alegremente, do pequeno lugarejo de Löffelscheid no Hunsrück, para um novo lar. Muitos dos emigrantes derramaram lágrimas amargas ao se despedirem de parentes e amigos, pois era um adeus para sempre. Depois que paramos por alguns minutos numa elevação, até onde quase todos os moradores do lugar nos acompanhavam, eu também com olhos marejados de lágrimas, olhei pela última vez o lugar onde nasci. Por pouco não desistia da viagem, se meus amigos que também partiram não me tivessem encorajado, afirmando sempre que só no Brasil encontraria a felicidade. Logo me senti mais confiante e assobiando alegremente, subi nas caixas e cofres que estavam amontoados numa carroça e lá seguimos pela estrada até o Reno.*

*O Brasil era lembrado como paraíso na terra. As pessoas recebiam boa terra e uma bonita casa, tudo livre de qualquer despesa. Não era de admirar, portanto que tantas pessoas se punham a caminho do Brasil. Na maioria eram pessoas que na Pátria nada mais tinham a perder e que mal conseguiam reunir o dinheiro para chegar à cidade portuária da França. Mas muitos pensavam: "você conseguirá levar os seus, mesmo que tenhas que passar fome e sede, serás recompensado pelo governo; ele prometeu e deverá cumprir a promessa" [Não imaginavam o que lhes esperava no Brasil. O sonho logo viraria pesadelo e isto já no início da viagem]. (SCHMITZ, 1987, p. 153)*

O grupo de 11 famílias da pequena Löffelscheid, onde todos, se não eram parentes, eram pelo menos amigos<sup>14</sup>, desfizeram-se do quase nada que possuíam, reuniram o pouco dinheiro que conseguiram arrecadar, pagaram o que os agentes de Charles Delrue<sup>15</sup> exigiam, amontoaram seus poucos pertences em carros e carroças para no dia 08 de outubro de 1846, partirem em busca de um sonho. A população local os acompanhou

---

<sup>12</sup> Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer e irmãos: Johann Peter Schmitz Filho e Peter Schmitz.

<sup>13</sup> Por não conseguir a lista completa das famílias saídas de Löffelscheid, no grupo de Mathias Schmitz, a opção foi não relatar os nomes dos mesmos sob pena de cometer equívocos.

<sup>14</sup> Grifos do autor.

<sup>15</sup> O armador de nome "D" algumas vezes mencionado no texto de Mathias Schmitz era na verdade Charles Delrue, ou melhor, Casa Charles Delrue & Companhia, de Dunquerque, na França, com quem o governo brasileiro firmara contrato para agenciar a transferência de imigrantes para o Brasil.

por algumas centenas de metros para lhes dar adeus. Despediram-se de quem ficava no solo natal, tristes pela separação, mas ao mesmo tempo sentiam o coração transbordar de alegria pela expectativa de uma vida melhor, mais próspera, e até de enriquecimento no além-mar. O sonho os impedia de raciocinar sobre os possíveis infortúnios e dificuldades que teriam que enfrentar. Todo bem material que possuíam jazia agora em uns poucos caixotes. Mas para que bens materiais? Pensavam. Todo o necessário seria providenciado no Brasil. Sobrava-lhes esperança, coragem e a disposição interminável de enfrentar quaisquer dificuldades, na expectativa de vencer. Foi com este espírito arraigado de vitória que deixaram para trás familiares e amigos e partiram rumo ao desconhecido. E foi realmente adeus, pois a maioria jamais teve oportunidade de um reencontro. Em muitos casos, a partida significou rompimento completo, pois jamais tiveram notícias uns dos outros. Outros conseguiram manter vivos os laços de familiaridade e amizade reforçados periodicamente através de cartas, informando-se mutuamente e relatando as novidades. Muitos dos imigrantes deixaram para trás filhos, esposas, noivas ou pais, e partiram em busca de novas fontes de sobrevivência.

Viajaram em carroças rumo ao Rio Reno, até uma pequena cidade, segundo Mathias Schmitz de nome “B”, onde pernотaram. Na manhã seguinte, suas bagagens foram levadas até um vapor que os transportou até a cidade de Köln (Colônia). Só em 10 de outubro de 1846, seguiram de trem para Ostende, na Bélgica. Ali permaneceram por alguns dias resolvendo imprevistos, até que finalmente seguiram para Dunquerque, na França, onde deveriam esperar o Veleiro que os transportaria até o Brasil.

Entre as 11 famílias que partiram cheias de sonhos e esperanças, estava o agricultor Johann Peter Schmitz, sua esposa e três filhos, todos nascidos em Löffelscheid, conforme relação abaixo<sup>16</sup>.

<b>Família SCHMITZ</b>	<b>Nascimento</b>
<b>Pais:</b> Johann Peter Schmitz	09/09/1800
Anna Maria Meurer	01/03/1798
<b>Filhos:</b> Mathias Schmitz	04/04/1826
Johann Peter Schmitz Filho	20/02/1830
Peter Schmitz	20/02/1830

Mas o que os agentes de Delrue anunciavam não era bem a verdade. Tão logo a viagem começou, surgiram os problemas. Como é nos momentos difíceis que despontam os líderes, foi com o início dos problemas que o jovem Mathias começou a se destacar, a princípio timidamente, até que no auge da crise transformou-se em um grande líder em busca do melhor para seu grupo destacando-se na defesa dos seus liderados.

---

<sup>16</sup> Fonte: <https://gw.geneanet.org/genealogiasulbrasile?n=schmitz&oc=1&p=johann+peter> Acesso em: 15 set. 2023.

## Nas dificuldades o líder cresce

Assim que chegaram a Dunquerque, o grupo foi informado que Delrue exigia o pagamento integral da passagem para o Brasil, enquanto o combinado com seus agenciadores era de transporte gratuito, a partir do porto de Dunquerque. Os emigrantes argumentavam que as despesas seriam por conta do governo brasileiro, mas a resposta era sempre a mesma: “ele nada tinha com o governo do Brasil e que cada um cuidasse de si mesmo”, segundo palavras de Mathias Schmitz, em sua crônica<sup>17</sup>. Tardiamente tiveram a certeza de terem sido ludibriados pelas belas propagandas e pelos agenciadores. Os que possuíam algum dinheiro cederam às exigências de Delrue, enquanto os outros teriam que arcar com a amarga sorte de não poder seguir para o Brasil e ao mesmo tempo não poder retornar para suas casas uma vez que lhes faltavam recursos para ambos os casos e principalmente por não terem mais para onde voltar.

Segundo Mathias Schmitz, dia após dia, a cidade cada vez mais ficava cheia de miseráveis que não tinham mais para onde ir, ou como sobreviver, e acabavam mendigando o pão pelas ruas de Dunquerque. Segundo Mathias Schmitz, para piorar a situação dos desafortunados que acreditaram nas promessas feitas em nome do Governo Imperial Brasileiro, o Governo da França, na tentativa de impedir maiores problemas com o excesso de pessoas sem destino (vagabundos), baixou um decreto<sup>18</sup> impedindo a entrada em território francês de todo e qualquer imigrante pobre e sem passaporte. Exigiu mais. Este mesmo decreto exigia que cada imigrante tivesse destino certo e a garantia de que, no momento oportuno, todos seriam enviados para o local de destino.

*A maioria, no entanto, tinha que aceitar o destino. Não podiam seguir para o Brasil, e o que era pior, também não podiam voltar. Quem encontrava trabalho na cidade ficava, e muitos foram mendigar. (...) a cidade sofreu uma enchente de alemães, que por força maior tiveram que pedir seu pão na porta de moradores. A miséria tornou-se por fim tão grande que o governo francês expediu vários navios com estes alemães logrados, para a África, só para livrar a cidade do excesso de pessoas. Por fim nenhum emigrante podia mais passar a fronteira da França sem apresentar antes um certificado do armador D., no qual constava que o frete da bagagem estava pago e D. se comprometia em oferecer hospedagem e comida ao referido emigrante, e quando se apresentasse oportunidade, enviaria o mesmo ao Brasil. (SCHMITZ, 1987, p. 154).*

Justamente quando estes fatos se agravaram, Johann Peter Schmitz e os seus, estavam prontos para viajar de Ostende para Dunquerque. Ali receberam a notícia de que não poderiam atravessar a fronteira sem o certificado de Delrue. O grupo teve melhor sorte que os demais. Quis o destino que o agente de Delrue, sob a tutela do qual empreende-

---

<sup>17</sup> SCHMITZ, 1987, p. 154.

<sup>18</sup> Apesar de inúmeras tentativas infrutíferas a pesquisa teve que aceitar o fato de não encontrar o referido decreto.

ram a viagem, estivesse entre o grupo de viajantes. Mathias Schmitz, que já vinha se destacando, mostrou seu poder de liderança e casualmente (ou propositalmente) estava de posse de documentos comprometedores (cartas emitidas pelo agenciador de Delrue e destinadas a convencer os agora emigrantes), cujo teor poderia levar o agente à prisão, e até mesmo provocar sérias complicações (a prisão por fraude e estelionato) ao próprio Delrue, e numa espécie de chantagem, provocou a intervenção deste junto ao armador, conforme relata:

*Por felicidade estava conosco o agente<sup>19</sup> do armador D., por ordem do qual nós empreendemos a viagem. Este se vira obrigado a nos acompanhar, porque eu estava de posse de algumas cartas do agente e se as mesmas caíssem em mãos da polícia, ele seria preso e invariavelmente condenado por fraude. Somente o medo levou-o a interceder junto ao armador D. para que fôssemos transportados, não de todo gratuitos, mas por um preço baixo. (SCHMITZ, 1987, p. 155).*

O grupo, agora acrescido de famílias de outras localidades que já aguardavam a ordem dos agentes para viajar, permaneceu em Ostende por alguns dias. Neste intervalo de tempo, o agente foi ter com o armador e este pessoalmente apareceu para negociar com os viajantes. Debateram longamente até chegarem a um acordo que satisfizesse a ambas as partes. O jovem e persuasivo Mathias Schmitz conduziu as negociações convencendo o armador a aceitar 40 (quarenta) Taler<sup>20</sup> para os maiores de 12 (doze) anos e a metade do valor para os menores. Só que muitos não possuíam nem mesmo esta quantidade e a perspectiva de não poder seguir viagem, não os agradava em nada. Iniciou-se então nova rodada de negociações.

Segundo relatos não escritos, mas que atravessaram gerações, sob a coordenação de Mathias Schmitz, agora já como líder absoluto do grupo, mais uma vez as negociações chegaram a bom termo. Finalmente o armador convenceu-se a aceitar dois terços do valor estipulado. Iniciou-se agora uma rodada de negociação entre os emigrantes. Quem ainda possuía alguma reserva, emprestava a quem já nada mais possuía, sob o acordo de depois de instalados no Brasil, ressarcirem o empréstimo. Mesmo assim não conseguiram reunir o suficiente e tiveram que aceitar a sorte e ficar para trás. Segundo Mathias<sup>21</sup>, “estas famílias mais tarde foram acompanhadas pela polícia até a fronteira e enviados de volta à cidade de onde vieram. E certamente tiveram um destino lamentável, pois não tinham para onde voltar”. Após essa operação, segundo Mathias, cerca de 800 imigrantes, na

---

<sup>19</sup> O agente, ainda segundo Mathias Schmitz, 1987, p. 155, também tinha sido enganado pelo armador, pois o mesmo lhe afirmara que as condições da viagem eram as mesmas do ano anterior, isto é, por conta do governo brasileiro. (O citado agente, mais tarde teve que abandonar a Europa clandestinamente, porque era perseguido pela polícia). Veio ao Brasil, onde Mathias Schmitz falou com ele, pois ficou vários dias na colônia alemã Santa Isabel, Águas Moras/SC. Logo desapareceu e foi encontrado mais tarde esfarrapado, morto de fome e sede, numa mata próxima. Teve um fim horrível.

<sup>20</sup> Moeda de prata usada na Europa por mais de 400 anos, seu nome sobreviveu em várias moedas contemporâneas. (WIKIPÉDIA Acesso em: 28 mar. 2023).

<sup>21</sup> SCHMITZ, 1987, p. 155.

mais absoluta miséria, que perambulavam pelas ruas da cidade portuária de Dunquerque, foram, pelo Governo Francês, despachados para a África<sup>22</sup>.

A família Schmitz, para garantir a passagem teve que tomar emprestado 50 (cinquenta) Taler, mas não desistiu de empreender a jornada em busca de melhores dias. Uma vez tomada a decisão de viajar para o Brasil, nenhum empecilho poderia furtar-lhes o sonho<sup>23</sup>.

Depois de encerradas as negociações, Schmitz e seu grupo viram as portas se abrirem. Imediatamente os viajantes e toda a bagagem foram transportados para a cidade portuária onde só puderam entrar mediante a garantia de Delrue, de que seriam embarcados e transportados para o Brasil. Ancorado no porto, providencialmente, encontrava-se um navio com destino ao Brasil e já com alguns alemães a bordo, para o qual foram transportadas pessoas e bagagens, onde pernoitaram. Segundo Mathias Schmitz (1987, p. 155) *“No dia seguinte (era, se não me engano, 19 de outubro<sup>24</sup>), o veleiro<sup>25</sup> levantou âncora e partimos”*. A sorte da família Schmitz que completava um grupo de 220 imigrantes que partiam felizes por ver o pesadelo, que já perdurava por dez longos dias, chegar ao fim.

### **Nada é tão ruim que não possa piorar**

Mais uma vez estavam enganados. O pior estava por vir e não tardou. Mal iniciou a travessia do Atlântico e novos problemas surgiram. Inicialmente um problema menor, o grupo foi atacado por náuseas provocadas pelo balanço do navio, mas este seria o menor e mais passageiro dos males que os aguardava. O sonho transformou-se em pesadelo e a morte logo começou a circular pelos corredores do navio levando pavor e medo aos viajantes, pois um surto de diarreia<sup>26</sup> que assolou passageiros e tripulantes afligia a todos, inclusive ceifando a vida de muitos. *“Conta-se até hoje, entre os Schmitz, que o navio mais parecia um hospital sem médico”*. Cada um que conseguia manter-se de pé procurava auxiliar os doentes. Sempre que alguém não resistia, a tripulação atirava o corpo ao

---

<sup>22</sup> Mais informações sobre os que não conseguiram viajar para o Brasil podem ser encontradas em THIESEN FAGUNDES (2023).

<sup>23</sup> Ainda hoje os Schmitz são conhecidos por sua persistência e tenacidade na luta por seus objetivos. Há um lema entre seus descendentes *“Um Schmitz, jamais foge de uma batalha, jamais desiste de uma luta, mesmo que esta se apresente perdida”*. Por mais que pareça pacato e frágil, torna-se um gigante destemido que não mede forças na defesa do sangue. A consanguinidade vem em primeiro lugar, as amizades pessoais ficam em segundo plano. Em tom de pilhéria, costumam dizer *“Schmitz não é teimoso. Teimoso é quem insiste em teimar com um Schmitz”*, ou seja, trazem para si o dito popularmente usado de que Alemão não é teimoso, teimoso é que teima com um Alemão.

<sup>24</sup> Já li textos que apontam para o dia 18.10. e não 19.10.1846, mas como a base deste texto segue as informações da Crônica de Mathias Schmitz, ficamos aqui com seu relato sem questioná-lo. Ressaltamos que novos estudos se fazem necessários no sentido de buscar trazer esclarecimentos sobre a abrangência, alcance e fundamentação de informações atribuídas ao imigrante Mathias Schmitz e que se fazem constar em sua famosa Crônica.

<sup>25</sup> Talvez se trata do Veleiro Brigue Sardo Eridano, mas há pesquisadores que questionam se de fato fora este o navio, uma vez que Mathias Schmitz, em sua Crônica, não menciona o seu nome.

<sup>26</sup> Segundo SCHADEN (1946, p. 9), trazida a bordo pela família de Michael Koch.



mar. Muitas crianças ficaram órfãs de pai e mãe, mas eram logo adotadas por outra família.

*Éramos 220 pessoas a bordo; todos emigrantes e fomos logo atacados pelo enjojo. Todos procuravam um canto para deitar-se. Não sentíamos nem fome nem sede. Logo que esta fase terminou e nós melhoramos, um mal bem pior nos surpreendeu. Era disenteria que uma família trouxera a bordo. Esta terrível doença atacou a quase todos, inclusive a tripulação! Que miséria reinava entre os doentes! Aqui alguém gritava por água, acolá outro pedia para morrer. Desta doença morreram durante nossa viagem (6 semanas), 27 pessoas, na maioria adultos, cujos corpos eram atirados ao mar<sup>27</sup>. Numa noite, eu me lembro, 3 corpos de uma só vez foram atirados ao mar. De várias famílias morreram o pai e a mãe deixando de 4 a 5 crianças pequenas, mas que logo foram acolhidas por outras famílias caridosas. (SCHMITZ, 1987, p. 155).*

A solidariedade reinava entre os desafortunados. Não bastasse a doença, o que por si já era uma desgraça, os passageiros tiveram negados água e alimentos, não por falta destes, mas por pura maldade do comandante.

*Comida tinha o suficiente, mas o capitão não entregava. Mesmo para um doente não se obtinha nem um pouco de água para fazer uma sopa, imaginem outro alimento. Quando tentávamos explicar a necessidade de um doente e que o mesmo implorava por comida, ele apenas respondia: Nada! Morre! Bom para os peixes! E virava as costas. Uma única vez, depois de implorar muito, ele me vendeu uma garrafa de vinho por 5 francos para meus pais. Mas em compensação, numa outra ocasião quando pedi água, para um doente, a xícara me foi derrubada com uma tapa na mão e jogada no mar. A comida que recebíamos era demais para morrer e muito pouco para viver. Consistia em "água com café", batatas semi-apodrecidas, um pouco de carne salgada e pão velho. Se nós pelo menos tivéssemos recebido somente pão e água, já teríamos ficado satisfeitos. Mas era água duvidosa que diziam ser café, às 10 horas da manhã, e às 4 horas um pratinho de água morna com pedaços minúsculos de carne salgada ou cabeças de peixes salgadas. Esta foi a alimentação dia após dia, durante todas as semanas de viagem. Como ficávamos contentes quando chovia e podíamos recolher a água e guardávamos até a última gota. Se nós tivéssemos levado tanto tempo para a viagem como outros navios que chegaram ao Brasil, isto é, 5 a 8 meses, nenhum de nós teria sobrevivido. Os que não morreram de disenteria teriam morrido de fome e de sede. (SCHMITZ, 1987, p. 156).*

O grupo pagava caro por ter enfrentado e forçado o armador Delrue a embarcá-los. E Mathias tinha consciência da parte que lhe cabia, de sua responsabilidade para com o grupo, mas nem por isto se deixava abater. Pelo contrário, sua responsabilidade no desencadear dos acontecimentos, o fazia ainda mais obstinado em defender seus amigos e

---

<sup>27</sup> Infelizmente, apesar do esforço na busca, nenhum registro dos nomes dos passageiros que vieram a óbito durante a viagem pôde ser encontrado.

companheiros. Em determinado momento, quando já se aproximava o fim da viagem, o grupo<sup>28</sup> não resistiu mais ver esposas e filhos com fome e sede. Então pais e jovens armaram-se e numa espécie de motim, foram até a cabine do capitão e exigiram alimentos e água. Vendo-se cercado e ameaçado, amedrontado e sem saída, tratou de servi-los da melhor forma possível. Sem mais delongas havia de tudo. Mas foi só por um dia. Acalmado os ânimos dos viajantes, tudo voltou a ser o que fora durante toda a jornada.

## **Chegada ao Brasil**

Após seis longas semanas no mar, avistaram terra e todos correram para admirar o novo mundo, o objeto dos sonhos de todos, especialmente dos Schmitz.

*(...) era o Brasil. A alegria que todos sentíamos era imensa, pois agora estávamos livres da prisão e só um grito percorria o navio: Terra! Todos que podiam, arrastavam-se até o convés do navio, para certificar-se de que era verdade mesmo. A terra crescia à nossa frente e ancoramos perto da cidade<sup>29</sup>. Agora estávamos num continente estranho, cheios de esperança e angústia, separados para sempre da pátria. Aqui pretendíamos encontrar a felicidade. Todos que podiam permaneciam no convés admirando a grande cidade do Rio de Janeiro. (SCHMITZ, 1987, p. 156).*

Todos os problemas pareciam findos, mas jamais imaginavam que ainda não era o fim do sofrimento. Problemas iguais ou maiores os aguardam no Brasil. Logo perceberam que o pesadelo estava longe de acabar e que novas etapas estavam por vir. Mas será que nossos imigrantes estavam preparados para o que os aguardava? Teriam eles forças suficientes para resistir juntos até o final? Chegariam de fato a terra prometida?

## **Quando o líder vira um grande líder**

Tão logo o navio ancorou no porto do Rio de Janeiro<sup>30</sup>, acompanhado de um alemão que servia de intérprete, um médico subiu a bordo e examinou todos os passageiros e perguntou-lhes da viagem. Tiveram então a oportunidade de desabafar relatando o tratamento terrível a eles dispensado desde a partida da terra natal. O médico recomendou tratar bem a todos e o capitão não teve alternativas. Embora, segundo Mathias<sup>31</sup>, sua vontade fosse a de jogar alemães e alimentos ao mar. Permaneceram alguns dias (10, segundo Mathias Schmitz) a bordo do navio em uma espécie de quarentena<sup>32</sup> e diariamente eram visitados por um senhor, que pretendia colonizar algumas terras. Oferecia

---

<sup>28</sup> SCHMITZ (1987, p. 156).

<sup>29</sup> Porto do Rio de Janeiro. Diário de Mathias Schmitz. SCHMITZ (1987, p. 158).

<sup>30</sup> SCHMITZ (1987, p. 157).

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> O que era compreensível (grifos meus) devido ao elevado número de óbitos durante a viagem (27, segundo SCHA-DEN, 1946, p. 9) evitando assim, a contaminação em massa da população, caso a doença ainda estivesse ativa entre recém-chegados.

algumas vantagens como terra a baixo custo com 03 anos de carência e mais 06 anos para efetuarem os pagamentos, ajuda em alimentos, ferramentas e sementes. Caso o grupo assinasse um contrato com o dono das terras, o mesmo navio os levaria até o destino. Certamente se tratava de um aproveitador querendo explorar a ingenuidade dos recém-chegados. E foi justamente ao jovem líder que deram o documento para ser lido. Este vinha em alemão e em português. Alguns desavisados e mais afoitos, na esperança de finalmente chegar ao destino, e na fé de que seus interlocutores estavam acima de qualquer suspeita, acabaram assinando o documento sem nem mesmo entender seu conteúdo<sup>33</sup>.

Como um grupo, sempre liderados por Mathias, que após ler o documento se negou a assinar sem antes ter alguma informação consistente sobre o lugar de destino<sup>34</sup>, foram desembarcados e largados à própria sorte em Praia Grande, Rio de Janeiro<sup>35</sup>. De repente viram-se abandonados à beira do mar, sem conhecer ninguém, sem saber que rumo tomar e sem um lugar que lhes servisse de abrigo. Para aumentar o tormento, o comandante do navio agora exigia o restante (1/3) do pagamento inicialmente estipulado, mas como ninguém mais possuía dinheiro tiveram suas bagagens confiscadas.

*Depois de ter analisado tudo muito bem eu disse: "todos podem fazer o que acharem melhor, mas eu, meus pais, meus irmãos<sup>36</sup>, queremos primeiro desembarcar, estar em terra firme. Ali quero informar-me e, se achar conveniente, então assinarei. Numa terra estranha não se pode assinar qualquer compromisso à primeira vista". Depois que eu falei isto os senhores voltaram a terra. Mas no dia seguinte voltaram e assim faziam diariamente. Por fim viram que tudo dependia de mim e prometeram-me uma gratificação, mesmo terra sem pagamento, se eu convencesse os outros a assinar o contrato<sup>37</sup> Mas eu estava firme em meu propósito de primeiro desembarcar. Mais tarde soube por um alemão fugitivo daquela região, que devido ao péssimo clima quase todos morriam. (SCHMITZ, 1987, p. 157).*

Sem dinheiro, sem saber para onde ir, sem conhecer nada nem ninguém, sem saber a quem pedir ajuda ou falar o idioma local, o grupo entrou em desespero. Enquanto

---

<sup>33</sup> Um fato curioso contado até hoje entre os Schmitz, Mathias em um dado momento relatou que foi no Brasil que viram pela primeira vez negros. (SCHMITZ, 1987, p. 157). Diz Mathias: Em cada canoa vinham dois ou quatro remadores. Eram bem pretos, dentes alvos, cabelos crespos, estatura robusta, sem camisa. ... Ao vê-los pela primeira vez, senti um calafrio percorrer meu corpo, perguntava a mim mesmo como era possível escravizar estas pessoas, pois eram seres humanos como nós. "Grifos meus: conta-se em tom de pilheria que as mulheres, tomadas pela surpresa faziam o sinal da cruz, as crianças assustadas choravam, mas que homens adultos admiravam a força e a altivez dos negros escravizados."

<sup>34</sup> Mathias disse que não poderia assinar um contrato sem a certeza de fazer um bom negócio, ou seja, queria apenas certificar-se de que não seriam mais uma vez enganados por algum espertalhão.

<sup>35</sup> SCHMITZ (1987, p. 158).

<sup>36</sup> Eu (Mathias Schmitz), meus pais (Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer), meus irmãos (Johann Peter Schmitz Filho e Peter Schmitz).

<sup>37</sup> Era a oportunidade de garantir um lugar para si e os seus, mas Mathias não se deixou corromper e manteve-se fiel aos propósitos do grupo. O sonho de felicidade era imenso, mas não tão grande a ponto de sacrificar seus liderados. O jovem queria o bem de sua família, mas não abria mão do bem-estar de todo o grupo.

adultos se lamuriavam e crianças choravam de fome, as mães corajosas deixavam de lado qualquer orgulho e pediam alimentos para os filhos à população local. Enquanto isto, Mathias procurava raciocinar. Mais uma vez demonstrando seu poder de liderança, superando o próprio desespero, decidiu seguir para o Rio de Janeiro e procurar o cônsul da Prússia. Comunicou a decisão aos companheiros de viagem, sonhos e infortúnios e a caminho encontrou-se com um alemão que vivia na cidade que o acompanhou, mas foram mal atendidos, e saíram sem perspectivas de auxílio. Como buscavam uma solução para os problemas do grupo, dirigiram-se ao cônsul de Hamburgo, que os recebeu e ouviu atentamente toda a história. Infelizmente, como única providência, conseguiu apenas a liberação da bagagem do grupo, o que já era um bom começo, mas faltavam-lhes alimentos e um abrigo descente. Pior, constataram que suas malas e caixotes foram arrombados, e todos os objetos de valor haviam desaparecido. Restava-lhes apenas as roupas e alguns objetos sem valor.

Mathias, sob o apoio do grupo, redigiu uma carta para o imperador Dom Pedro II<sup>38</sup>, onde contava os acontecimentos e pedia ajuda, pois precisavam de auxílio para não morrerem de inanição. Conseguiu algum dinheiro entre os seus, retornou ao Rio, pagou para traduzi-la ao português<sup>39</sup>, e junto de mais um moço do grupo, o jovem auxiliar de professor de Löffelscheid<sup>40</sup>, seguiu até o Palácio Imperial do Rio de Janeiro, sem uma audiência previamente marcada, para falar diretamente com o Imperador Dom Pedro II.

*Na residência imperial, entramos primeiro num grande e lindo jardim e a primeira pessoa que encontramos foi o jardineiro, que era alemão de nascimento. Cumprimentamo-nos alegremente, contamos nossas desditas e explicamos o que queríamos. Pedimos ao jardineiro que nos acompanhasse para servir de intérprete. Não demorou muito e este regressou com a notícia que o imperador nos receberia.*

*Quando fomos anunciados ao imperador, ficamos nervosos e nosso coração batia com força. O jardineiro, vendo nosso receio, encorajou-nos e disse que o imperador era um homem bom e compreensivo.*

*Mais confiantes subimos a escadaria e nos dirigimos ao salão onde estava o imperador. Logo que nos viu, veio ao nosso encontro sorrindo amável e nós nos sentimos mais à vontade. Entregamos a nossa carta que leu com atenção. Fez várias perguntas e nossas respostas foram interpretadas. O imperador prometeu ajudar-nos a tomar todas as providências necessárias para resolver nossos problemas. Satisfeitos e alegres, nos despedimos cerimoniosamente e saímos. (SCHMITZ, 1987, p. 159).*

Retornaram para junto dos companheiros de desdita, e aguardaram que o imperador tomasse suas providências. Enquanto isto, a população local ajudava com o pouco

---

<sup>38</sup> Infelizmente esta carta entregue ao Imperador do Brasil, Dom Pedro II, não foi localizada.

<sup>39</sup> O que Mathias não sabia era que o Imperador D. Pedro II era um poliglota e fluente em Alemão.

<sup>40</sup> Segundo comentários que passaram de geração em geração, o imigrante Mathias Schmitz foi professor em Löffelscheid, Alemanha, mas de acordo com SCHADEN, 1946, p. 32, fora auxiliar de professor em Moritzheim, Alemanha.

que possuíam para alimentar a todos. Como nada de novo acontecesse, Mathias redigiu nova carta, e novamente foi ter com o Imperador. Agora mais seguro e confiante que da primeira vez, já o conhecia e estava certo de ser bem recebido. É difícil imaginar um jovem estrangeiro sendo recebido pelo Imperador do Brasil, mas Mathias relata:

*Pedimos que os guardas nos anunciassem e recebemos permissão para entrar. Já não sentia mais receios e confiante subia as escadas. O imperador nos recebeu num grande salão, mas não estava sozinho. Vários senhores estavam presentes. Entreguei outra vez a minha cartinha, quando o mesmo veio ao nosso encontro, e uma irritação profunda espelhou-se em seu rosto, quando a leu. Chamou um dos presentes e comentaram sobre o que eu havia escrito. Em seguida se dirigiu a nós e gentilmente falou-me, pediu desculpas de que tínhamos esperado tanto tempo em vão, mas agora tudo seria resolvido; que eu fosse tranquilo para junto dos meus. Um pedido, no entanto, não podia conceder: ao Rio Grande do Sul não nos poderia enviar. No entanto havia três províncias que poderíamos escolher: Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo.*

*(...). Contentes, deixamos a sala de audiência e voltamos para casa [já consideravam “a casa” o barracão cedido pela população local onde se abrigavam enquanto aguardavam seus destinos], transmitindo a mensagem do imperador. A alegria não foi tão estrondosa como a primeira, mas grande foi a satisfação que sentimos quando, à tarde, veio uma canoa carregada com alimento: carne, pão, café, açúcar, arroz, feijão, trigo, sal, etc. (SCHMITZ, 1987, p. 160).*

Como não poderiam ir para o Rio Grande do Sul<sup>41</sup>, primeira escolha do grupo, devido a existência de “parentes”<sup>42</sup> (principalmente Schmitz) já instalados na região do Vale dos Sinos, mais precisamente na Colônia São Leopoldo, após longo debate optaram por Santa Catarina, pois tinham conhecimento da criação da Colônia São Pedro de Alcântara em 1829, e que alguns Schmitz já lá habitavam<sup>43</sup>. Foi o que mais pesou na escolha. Poucos dias depois (22/12/1846), a bordo do Bergantim Vênus, seguiram em busca da sonhada à felicidade.

---

<sup>41</sup> Rio Grande do Sul, era, segundo comentários familiares, mas não escritos, o destino almejado pelos Schmitz uma vez que sabiam da existência de Schmitz entre os que para lá migraram. Mas a pesquisa não conseguiu apurar onde de fato, na Colônia São Leopoldo (uma vez que a região hoje é composta por vários Municípios provenientes da subdivisão da antiga Colônia e há Schmitz espalhados por toda a região), os Schmitz se instalaram.

<sup>42</sup> Ainda hoje, é hábito entre os Schmitz, independente da variação gráfica do “SCHMID” ferreiro ou metalúrgico, considerarem-se aparentados devido ao sobrenome que portam.

<sup>43</sup> Residiam em São Pedro de Alcântara, então São José/SC. A família de Cornelius Schmitz, segundo Roberto Petroucic in “Genealogia Sul Brasileira”, originária, provavelmente, de Coeen, – Saarland ou de Klusserath – Mosela. Chegou a Desterro em 12/11/1828, trazido pelo Brigue Marquês de Viana e entrou na Colônia São Pedro de Alcântara em 15/04/1829. Acessado em: 22 ago. 2023. Família de Johann Wimas Schmitz, in: <http://www.cruiser.com.br/familiasens/f861.htm>, chegou a Desterro a bordo do Brigue Luiza, em 07/11/1828, chegando a Colônia São Pedro de Alcântara em 10/11/1829.



Fig. 1: Miniatura do que teria sido o navio “Vênus”. (Acervo de Toni Jochem).

Colonos chegados com o bergantim “Vênus”:

José Maritz, mulher e dois filhos;	cat.
Mateu Trosch, mulher e uma filha;	cat.
Jacó Weber, mulher e cinco filhos;	cat.
João Wilbort e quatro filhos;	cat.
Pedro Jochen; (solteiro)	cat.
Jacó Eberhardt a dois filhos;	cat.
João Loffy e quatro filhos;	cat. Löffelscheidt
João Backes e oito filhos;	cat.
Matias Weisgerber; (solteiro)	cat.
Matias Metter; (solteiro)	cat.
Pedro Roth, mulher e dois filhos;	cat. Löffelscheidt
João Meyer, mulher e três filhos;	cat.
Cristóvão Franz, mulher e uma filha;	cat.
João Hammes, mulher e seis filhos;	cat.
Pedro Schmitz, mulher e três filhos;	cat. Löffelscheidt
Pedro Morsch, mulher e dois filhos;	cat.
Pedro Meyer;	cat.
Jacó Schneider e uma filha;	evang. Oberdilbach
Claudino Theiser e mulher;	cat.
Henrique Fritze, mulher e três filhos;	cat. Zell b/Koblentz
João Fritze; (solteiro)	cat. Zell b/Koblentz
João Reitzer, mulher e sete filhos;	evang.?
Francisco Steffens e dois filhos;	cat.
Pedro Thiel, mulher e cinco filhos;	evang.
Miguel Koch e dois irmãos;	cat.
Jacó Kraus, mulher, dois filhos e sogro;	cat.
João Steffens, mulher e cinco filhos;	cat. Zell b/Koblentz
Guilherme Greef (solteiro)	cat.

Fig. 2: Lista de passageiros do Bergantim “Vênus” per-  
fazendo o grupo dos primeiros colonos de Löffels-  
cheidt, Colônia Santa Isabel (SCHADEN, 1946, p. 12).

Schaden transcreveu a lista aportuguesando os nomes dos imigrantes, no entanto todos tinham seus nomes em alemão. Alguns inclusive com sobrenomes grafados erroneamente; por exemplo, na lista manuscrita se lê: Pedro Schmidt, Maria Schmidt, Mathias Schmidt, Johann Schmidt e Pedro Schmidt; lê-se na verdade: Johann Peter Schmitz, Anna Maria Meurer Schmitz e filhos: Mathias Schmitz, Johann Peter Schmitz e Peter Schmitz.

Fig. 3 e 4: Lista de passageiros do Bergantim “Vênus” fornecida por Salete Kons, encontrada nos comentários de Carlos Steiner em: “Lista de desembarque – Imigrantes do Mundo” (Facebook).

The image shows two pages of a handwritten document, likely a passenger list. The left page (Fig. 5) is a table with columns for names, ages, and other details. The right page (Fig. 6) continues the list and includes a section titled 'Recapitulacão' with a summary of the passengers. The handwriting is in Portuguese and includes names like 'João Schmidt', 'Carlos Schmidt', 'Augusto Schmidt', etc.

Fig. 5 e 6: Continuação da lista de passageiros do Bergantim "Vênus" fornecida por Salete Kons, encontrada nos comentários de Carlos Steiner em: "Lista de desembarque – Imigrantes do Mundo" (Facebook).

Aportaram em Desterro no dia 28 de dezembro de 1846, após seis dias de viagem, e foram logo levados para a cidade, onde foram muito bem recebidos. Os alemães eram conhecidos como bons e confiáveis trabalhadores e como permaneceram por cerca de dois meses na Ilha de Santa Catarina alguns executavam pequenos trabalhos para os ilhéus, e juntavam algum dinheiro para os tempos de vacas magras que poderiam vir.

### Chegada à Colônia Santa Isabel

Após cerca de dois meses, foram levados para a recém-criada Colônia Santa Isabel onde foram alojados em um grande galpão enquanto os trabalhos de demarcação de terras seguiam. A Colônia ficava as margens da estrada Imperial, que não passava de uma simples picada.

*Fundada em 1847 por imigrantes recém-chegados da Alemanha, a Colônia Santa Isabel foi composta, em sua maioria, por agricultores e provenientes da região do Hunsrück, no atual estado da Renânia-Palatinado. Professavam a religião católica e a luterana sendo que, nesta última, Santa Isabel tem a primazia cronológica sobre todas as colônias fundadas no estado de Santa Catarina.*

*Instalada às margens do Caminho-de-Tropas que ligava o litoral catarinense ao planalto serrano, é uma homenagem prestada pelo Governo constituído à então Princesa Isabel, a denominação da colônia.*

*Inicialmente além da sede da colônia, localizada num terreno excessivamente montanhoso e impróprio para a agricultura, foram fundadas e povoadas as linhas coloniais de Löffelscheidt e Primeira Linha. Em 1860 o Governo resolveu remeter novos imigrantes para a Colônia, a qual desde 1851 crescia apenas pelo desenvolvimento interno de sua população, sem receber novos imigrantes. O núcleo foi ampliado e submetido ao regime colonial com a chegada de novos imigrantes resultando na fundação de novas linhas coloniais, entre elas: Segunda Linha, Terceira Linha, Quarta Linha, Quinta Linha, Rancho Queimado, Linha Scharf e Taquaras.<sup>44</sup>*

E Mathias escreve:

*Eu me recordo da minha surpresa quando vi a estrada imperial<sup>45</sup>. Na Europa eu nunca vira uma estrada tão ruim. Coberta por mato onde se rasgava a roupa, com cada passo atolado na lama até os joelhos. E esta era a estrada principal da Província. Hoje em dia pode-se afirmar que parece com uma estrada. (SCHMITZ, 1987, p. 161).*

Tão logo se viram instalados, Mathias decidiu visitar a Colônia São Pedro de Alcântara. Pretendia ver os conterrâneos e saber como viviam os alemães desta (como todo líder, pretendia também fazer um reconhecimento da região). Seguiram (Mathias Schmitz mais um companheiro de viagem) por picadas na mata e enfrentando lama, rios cheios e o frio. Mas sentiram uma alegria inexplicável, ao tomar o café de certa manhã gelada, com os alemães que os receberam de braços abertos e lhes mostraram que, embora numa terra distante, continuavam com os mesmos costumes e tradições. Era como se tivessem retornado à Alemanha. Participaram inclusive de uma pequena domingueira na vila, cujo baile fora animado por um simples clarinetista<sup>46</sup>, mas que para eles era como se estivessem em casa.

De volta ao acampamento, foram também ver de perto como estavam os trabalhos de demarcação de suas terras. Assim que os trabalhos dos agrimensores finalizaram, cada família recebeu seu lote. A Johann Peter Schmitz e sua esposa, coube, em 16/07/1847 a sorte número 15, com 175 braças de frente por 870 braças de fundos, no lado direito, na Colônia Santa Isabel no local que passou a ser denominado "Löffelscheidt"<sup>47</sup>. Já ao filho

---

<sup>44</sup> JOCHEM. [http://www.tonijochem.com.br/col\\_santaisabel.htm](http://www.tonijochem.com.br/col_santaisabel.htm) Acessado em: 09 set. 2023.

<sup>45</sup> Atualmente, percorrendo basicamente o mesmo itinerário (embora com várias modificações de percurso, mas com destino semelhante, ou seja, ligar a Florianópolis, Capital de Santa Catarina, ao Planalto Serrano e de lá ao Oeste do Estado), encontramos a rodovia BR 282. Agora sim, uma estrada de verdade. Se o jovem Mathias Schmitz pudesse vê-la, certamente diria o mesmo.

<sup>46</sup> SCHMITZ (1987, p. 162).

<sup>47</sup> Na Alemanha escreve-se "Löffelscheid". Aqui no Brasil, mais precisamente na Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC, com o passar do tempo a escrita foi se corrompendo acrescentando, ao final da palavra, a letra "t" passando, assim, a grafar: "Löffelscheidt" ou "Loeffelscheidt".



Johann Peter Schmitz, coube o lote número 27, também na comunidade de Löffelscheidt (Não encontrei registros de doação de terras a Mathias e a Peter).

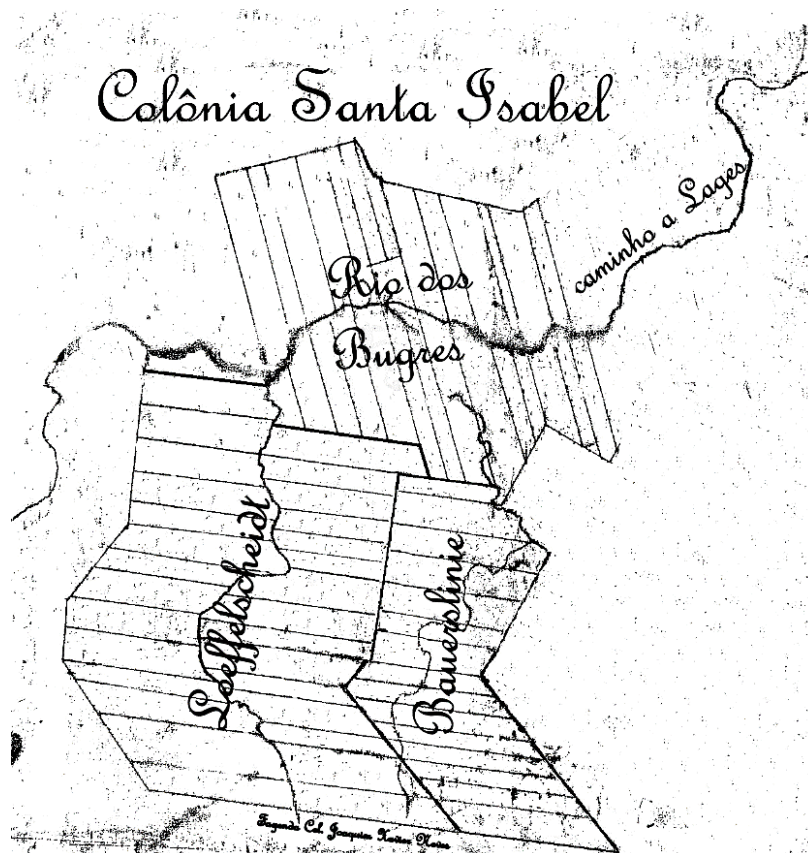


Fig. 7: Mapa indicativo das primeiras localidades da Colônia Santa Isabel (BRUCH, 2023, p. 2).

#### Família Schmitz vinda da Alemanha para a Colônia Santa Isabel<sup>48</sup>

	Nascimento	Falecimento
<b>Pai: Johann Peter Schmitz</b>	09/09/1800, Löffelscheid, Renânia-Palatinado	Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC <sup>49</sup> .
<b>Mãe: Anna Maria Meurer</b>	01/03/1798, Löffelscheid, Renânia-Palatinado	1848, São Pedro de Alcântara/SC
<b>Filhos</b>		
1. Mathias Schmitz	04/04/1826 Löeffelscheid, Renânia-Palatinado	20/01/1896, Colônia Teresópolis, Águas Mornas/SC, sepultado no cemitério local.
2. Johann Peter Schmitz Filho	20/02/1830, Löffelscheid, Renânia-Palatinado	São Pedro de Alcântara/SC. <sup>50</sup>
(gêmeos)		
3. Peter Schmitz	20/02/1830, Löffelscheid, Renânia-Palatinado	???

<sup>48</sup> Existe a forte possibilidade (não mencionada por Mathias) de a família não ter vindo completa para o Brasil, ou seja, alguns filhos podem ter ficado na terra natal. Esta possibilidade veio à tona nas pesquisas de Roberto Petroucic.

<sup>49</sup> A pesquisa não conseguiu a data de falecimento de Johann Peter Schmitz.

<sup>50</sup> A pesquisa não conseguiu a data de falecimento de Johann Peter Schmitz Filho e de Peter Schmitz.

Tão logo tiveram oportunidade, após a construção da casa, carregando tudo nos ombros, seguiram para suas novas moradas.

*Quando a terra terminou de ser medida, recebemos nossa parte; quanto maior a família maior a terra. Rapazes sem família recebiam 100 braças de largura e 1.000 braças de comprimento (200 morgem); pais de famílias recebiam 125-200 braças de largura e 1.000 de comprimento. Agora chegou a hora de trabalho. Enquanto os pais e filhos munidos de machado, facas, foices e facão começavam a preparar a terra para construir um rancho, as mulheres e crianças pequenas permaneciam no galpão comum. Semana após semana o trabalho continuava e aos poucos o terreno ganhava forma. As casas improvisadas foram ocupadas e iniciou-se a construção do mobiliário e o trazer dos pertences até a colônia. Não era um trabalho fácil, porque o caminho era apenas uma picada. Tudo que era trazido levaria pelo menos algumas horas de viagem. Por fim tudo estava no seu devido lugar e a família pode começar a semear. Os primeiros anos foram cheios de dificuldades, mas depois também isto normalizou-se e as colheitas foram mais gordas. [Para quem estava habituado a todo tipo de necessidades, só o fato de colher o necessário para a subsistência já era motivo de alegria. Para quem já sofreu com a fome, ter o que comer já é uma festa.].*

*Dia após dia clareava a floresta e sempre mais crescia a colheita. Muitos anos passaram-se e a colônia prosperou. Todos os colonos que vieram comigo ao Brasil prosperaram e chegaram a uma razoável estabilidade. A viagem a Desterro para a qual naquele tempo gastava-se dois dias, hoje se faz em um dia. O ditado: "após o sofrimento segue a alegria", concretizou-se nesta colônia. (SCHMITZ, 1987, p. 163).*

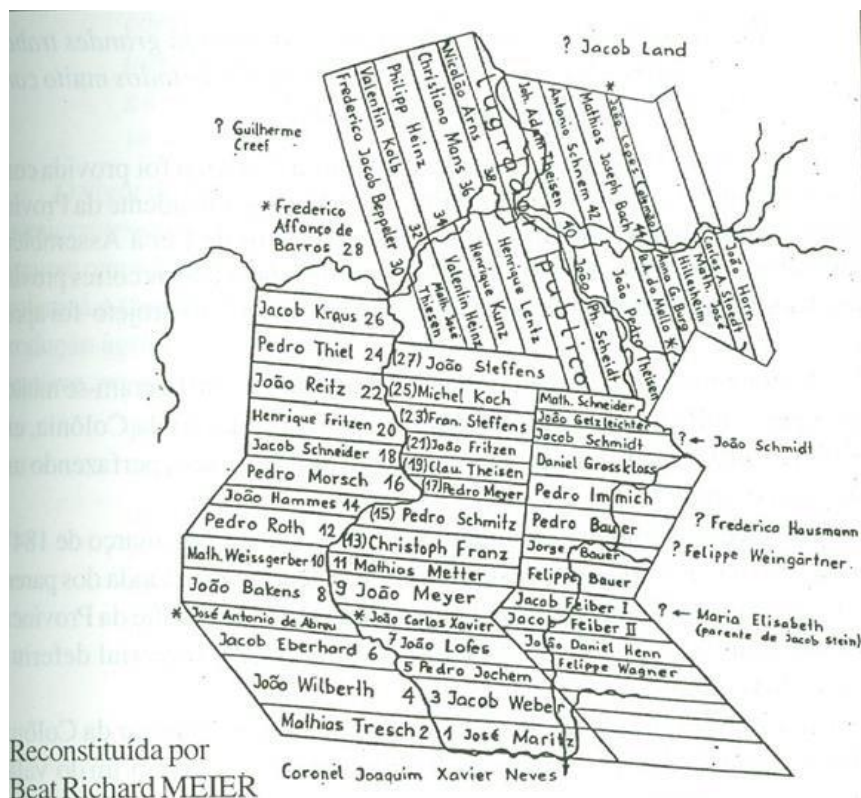


Fig. 8: Plantada Colônia Santa Isabel em 1847, reconstituída por Beat Meier (JOCHM, 1997, p. 83).

Teve então início a tão sonhada nova vida, pois "*após o sofrimento vem a alegria*", na Colônia Santa Isabel, mais precisamente na localidade que passou a ser denominada Löffelscheidt, assim como no país de origem. Mas nem tudo era alegria. A terra exigia trabalho árduo. Tudo era floresta virgem e a exploração era difícil. Johann Peter e os seus, (bem como todo o grupo de pioneiros) não perderam as esperanças, e nem a vontade de lutar por dias melhores. Em meio à luta pelo cultivo da terra e da reconstrução da vida, Mathias teve tempo para registrar em uma espécie de diário, tudo que lhes aconteceu até o momento em que se instalaram definitivamente em suas terras na Colônia Santa Isabel. Mostrou que além de saber liderar seu grupo era ainda um bom cronista, deixando para a posteridade registros importantes, que merecem ser lidos e já foram largamente utilizados por historiadores que escrevem sobre a imigração alemã no Brasil.

Não foi possível confirmar se durante o tempo que permaneceu em Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, Mathias tenha se dedicado a agricultura ou se fora professor.

### **Finalmente a tão sonhada terra**

Aos poucos, novos imigrantes foram chegando, colônias se espalharam por toda a região, e pais e filhos deram início às atividades de conquista da nova terra. Após edificarem a pequena casa, atiraram-se ao trabalho de desmatamento e plantação. Como as atividades eram todas agrícolas, era desta que tinham que alcançar a almejada felicidade, e foi o que fizeram, mas cedo perceberam que as terras a eles destinadas não eram as melhores.

O grupo pioneiro, deveria, via de regra, receber as melhores terras da Colônia e seria natural que a ocupação das terras tivesse início nos arredores da Sede da Colônia<sup>51</sup> e dali para o interior, mas como não existia uma Sede da Colônia e as terras (destinadas aos pioneiros, assim como em toda a Colônia Santa Isabel) montanhosas e pouco férteis exigiram o máximo de seus usuários, com um retorno quase insignificante.

A partir do início dos trabalhos a família Schmitz foi acrescida de novos membros (descritos na genealogia apresentada a seguir). A prole dos irmãos Schmitz se estendeu e se espalhou por toda a região, tornando-se numerosa. A terra, ainda jovem, respondia com uma produção razoável.

Pedro Schmitz ou Peter, o quarto dos filhos de Johann Peter Schmitz Filho<sup>52</sup>, nascido em 04/08/1861, em São Pedro de Alcântara, então São José/SC, falecido em 04/12/1907, em Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC, casou-se em 10/09/1885, São José/SC, com Ana Maria Meurer, conhecida como Ana Schmitz ou Ana Horr<sup>53</sup>, nascida em

---

<sup>51</sup> A Sede da Colônia só foi implantada após acomodar os pioneiros em suas terras e esta acomodação se deu a partir de Löffelscheidt.

<sup>52</sup> Daremos agora um pouco de atenção a um ramo específico da família, mais precisamente a um dos descendentes de Johann Peter Schmitz Filho.

<sup>53</sup> Anna Horr devido ao fato de ter contraído segundas núpcias com Pedro Horr.

05/07/1865, em Santa Isabel, Águas Mornas/SC e falecida em Anitápolis/SC; fixou residência em Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC. Era agricultor e paralelamente movimentava um pequeno comércio. Era respeitado e querido na comunidade. Vendia de tudo.

Era na casa dos Schmitz que o padre se hospedava sempre que fazia sua visita pastoral à comunidade de Löffelscheidt. Sobre isto se comenta até hoje entre os descendentes que, em certa ocasião, algum garoto travesso quebrou o cabo da vassoura de uma senhora beata que fazia a limpeza da igreja, e esta acusou Roberto e Pedro, os filhos da já viúva Ana Schmitz. O padre, sendo informado, chamou atenção dos dois durante o sermão. Ao serem acusados, saíram rumo a casa, aguardaram o padre no caminho e, escondidos entre as árvores, o puniram com uma chuva de pedras. Em seguida cruzaram por atalhos e chegaram antes deste em casa. Diante do ocorrido e sob o medo de novo susto, os dois foram encarregados pela mãe a acompanhar o padre no retorno a sede da paróquia<sup>54</sup>.

Conta-se também que certa vez Pedro Schmitz (o pai) foi até a Loja Hoepcke<sup>55</sup>, em Florianópolis, e comprou alguns relógios de parede, daqueles que badalavam a cada hora. O dono da loja mandou embalar suas compras e com elas os relógios. Ao chegar em casa constatou que havia um relógio a mais no carregamento; logo deduziu que o lojista se enganara. Não teve dúvidas. Vendeu todos, mas guardou o excedente. Algumas semanas depois retornou a Loja Hoepcke portando o referido relógio para devolvê-lo. Surpreso, ouviu do dono da loja que este era um brinde a um amigo e a um cliente especial<sup>56</sup>. O presente ficou com a família até por volta de 1980, quando sua filha, Bernardina Schmitz Felipe, já idosa e doente, o vendeu a um relojoeiro de Santo Amaro da Imperatriz. Familiares tentaram para adquiri-lo novamente, mas infelizmente não está à venda<sup>57</sup>.

### **Genealogia da família Schmit acrescida pelo casamento dos filhos, nascimentos e casamentos dos netos:**

- I. Johann Peter Schmitz, \*09.09.1800, Löffelscheid † Löffelscheidt, Sta. Isabel  
Anna Maria Meurer \*03.01.1798, Löffelscheid † 1848 São Pedro de Alcântara

Filhos:

---

<sup>54</sup> Esta parte do texto não há documentação que comprove a veracidade. É voz corrente na família, mas sem registro escrito. Mas é certo que Pedro ou Peter Schmitz tinha desavenças com o padre que era contra as pequenas dominqueiras dançantes realizadas na casa dos Schmitz, segundo SCHADEN (1946, p. 20), e que tinham os padres Franciscanos como opositores.

<sup>55</sup> A Loja Hoepcke era de propriedade da família Hoepcke, cujo dono (a pesquisa não conseguiu apurar o nome do patriarca da família) era amigo e parceiro comercial de Pedro Schmitz.

<sup>56</sup> Conta-se entre os descendentes de Pedro Schmitz que ao tentar fazer a devolução do referido relógio, teve como primeira resposta do patriarca da Loja Hoepcke "*Peter Mein Freund, Denkst du, ich weiß nicht mehr, wie man zählt*" (Meu amigo Pedro, por acaso pensas que eu não sei mais contar).

<sup>57</sup> Também aqui temos o que se comenta na família, mas sem registro escrito. Também não consegui apurar o nome do relojoeiro, embora tenha feito uma busca pelas relojarias de Santo Amaro da Imperatriz/SC.

1. Mathias Schmitz<sup>58</sup>, \*04.04.1826, Löffelscheid + 20.01.1896, Teresópolis
2. Johann Peter Schmitz, \*20.02.1830, Löffelscheid + São Pedro de Alcântara
3. Peter Schmitz \*09.09.1800, Löffelscheid + ??

#### Netos

1. Mathias Schmitz ∞ Anna Gorges, \*12.12.1831, Águas Mornas, † São P. Alcântara
  - 1.1 Johann Schmitz ∞ Maria Beppler
  - 1.2 Peter Schmitz ∞ Wilhelmine Bröring Althoff
  - 1.3 Mathias Schmitz Jr. ∞ Emili Kapers
  - 1.4 José Schmitz
  - 1.5 Maria Schmitz ∞ Wilhelm Seibert
  - 1.6 Adão João Schmitz ∞ Gertrudes Heinzen
  - 1.7 Ana Schmitz ∞ Dominique Allein
  - 1.8 Catarina Schmitz ∞ Mathias Weber
  - 1.9 Agnes (Inês) Schmitz ∞ Peter Dubilla
  - 1.10 Maria Louise Schmitz ∞ Johann Adam Hinkel
  - 1.11 Helena Schmitz ∞ Nicolau Heck
  - 1.12 Henrique Schmitz ∞ Elisabetha Weber
  - 1.13 Elisabetha Schmitz ∞ Johann Vincez Dubiella
2. Johann Peter Schmitz ∞ Anna Steffens, \*06.06.1833, Löffelscheid, †1873
  - 2.1 Katharina Christina Schmitz ∞ Johann Jakob Brandt
  - 2.2 Johann Schmitz ∞ Margaretha Meurer
  - 2.3 Peter Schmitz ∞ Anna Maria Meurer**
  - 2.4 Helena Schmitz ∞ Philippe Beppler
  - 2.5 Franz Schmitz
  - 2.6 Michael Schmitz
3. Peter Schmitz<sup>59</sup> ∞ Maria Kath. Steffens, \*21.11.1836, Löffelscheid, †03.09.1915

#### **Novo redirecionamento, nova migração**

Como as terras da Colônia Santa Isabel eram pouco férteis, muitos pioneiros abandonaram a região e espalharam-se pelas regiões vizinhas em busca de novos sonhos, de melhores terras, de novas oportunidades. Na velha Löffelscheidt, não existe hoje nem mais um Schmitz, salvo os que de lá não mais poderão sair, mas destes se consegue ler apenas algumas inscrições quase ilegíveis nas cruces, pois lápides eram raras, principalmente se a família não dispunha de recursos para tanto<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Após enviuar, Mathias contraiu segundas núpcias com a viúva de seu irmão, Peter: Maria Katharina Steffens.

<sup>59</sup> Até onde pude pesquisar, o casal Peter Schmitz e Maria Katharina Steffens não tiveram filhos.

<sup>60</sup> Segundo informações de um descendente do velho Loffy, Armando Loffy (hoje in memoriam) casado com Maria Horr Loffy, ainda residentes ao lado do cemitério local no momento da pesquisa, em toda Santa Isabel, reside apenas um descendente do velho Johann Peter Schmitz com o sobrenome "SCHMITZ" e bem longe da sorte de número 15. Embora ainda residam descendentes dos Schmitz na região, mas que por descenderem da linhagem feminina não levam o sobrenome Schmitz. Disse também que uma forte enxurrada fizera estragos no cemitério danificando o pouco que restava das antigas sepulturas.

Quando da abertura do Núcleo Colonial de Anitápolis/SC<sup>61</sup>, em 17 de julho de 1907, distante cerca de 50 Km a sudoeste da Colônia Santa Isabel, entre a Serra Geral e a da Garganta, mais precisamente no início das nascentes do Vale do Braço do Nortes/SC, com objetivo de abrigar novos colonizadores alemães, que continuavam migrando para nossas terras, os descendentes de Pedro Schmitz e Anna Maria Meurer (tabela IV) começam a pensar em redirecionar suas vidas. Roberto Schmitz<sup>62</sup>, engaja-se ao grupo de trabalhadores recrutados para abertura da estrada (a velha estrada da Garganta) que ligaria o Núcleo Colonial de Anitápolis/SC<sup>63</sup> a Rio Novo, Águas Mornas/SC. Ali trabalhou por vários anos como perfurador de rochas, especialista em explosivos e detonador de rochas.

#### GENEALOGIA DE Pedro Schmitz e Anna Maria Meurer

2.3 Pedro Schmitz, 20.05.1888, Col. Teresópolis †22.04.1937, Löffelscheidt

∞ Anna Maria Meurer, \*05.07.1865, Col. Santa Isabel, †20.09.1937, Rio das Pedras, Anitápolis

2.3.1 Pedro Schmitz Filho ∞ Helena Beppler

2.3.2 Roberto Schmitz ∞ Louize Julianne Bauer

2.3.3 Carl Schmitz ∞ Anna Horr

2.3.4 Anna Schmitz ∞ Pedro Horr Filho

2.3.5 João Schmitz ∞ Albertina Prim

2.3.6 Jacob Schmitz ∞ Maria Catarina Beppler

2.3.7 Mathias Schmitz ∞ Suzana Maria Thieder

2.3.8 Guilhermina Schmitz ∞ João Schmidt Serafim

2.3.9 Bernadina Schmitz ∞ Feliciano José Felipe

2.3.10 Frederico (Fritz) Schmitz ∞ Ondina Wagner

Após o término dos trabalhos, por volta de 1911, Roberto Schmitz adquiriu o lote nº 3 da comunidade de Rio das Pedras<sup>64</sup>, Anitápolis/SC, e ali fixou residência com sua esposa, Louise Julianne Bauer, e seus dois filhos mais velhos, dos nove que tiveram<sup>65</sup>. Começou então nova luta, novo desbravamento. Em seguida, promoveu a transferência para Anitápolis, de toda a família, composta por 07 irmãos, juntamente com esposas e

---

<sup>61</sup> O Governo Federal, na pessoa do Presidente Affonso Augusto Moreira Pena, com a assinatura e publicação da lei nº 722, de 17/08/1907, resolveu criar e implantar o Núcleo Colonial Federal de Anitápolis com o objetivo exclusivo de abrigar imigrantes europeus recém-chegados ao Brasil.

<sup>62</sup> Segundo filho de Pedro Schmitz e Anna Maria Meurer, neto do imigrante Johann Peter Schmitz Filho e Anna Stefens e bisneto dos imigrantes Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer.

<sup>63</sup> Diferentemente de uma Colônia que se regia por leis próprias, o Núcleo Colonial era subordinado direto do Ministério da Agricultura. Desta forma, era para o Ministério da Agricultura que os Diretores dos Núcleos Colônias despachavam relatórios mensais prestando contas de todas as atividades ali realizadas.

<sup>64</sup> Pode parecer estranho, mas os filhos de Roberto Schmitz e Louise Julianne Bauer não sabiam ou não compartilharam com seus descendentes o porquê da escolha do lote nº 3. Após pesquisa genealógica soube-se que o então dono do lote de nº 5, Hubert Hessmann, era casado com Emília Laura Schmitz, descendente de Mathias. Logo era a família se reunindo novamente. Roberto abriu caminho, mas foi Hubert quem trouxe a família primeiro.

<sup>65</sup> O casal Roberto Schmitz e Louise Julianne Bauer tiveram nove filhos sendo: 1 – Evelino Schmitz, 2 – Artur Schmitz, 3 – Olinda Schmitz, 4 – Tarlito Schmitz (membro da FEB: Força Expedicionária Brasileira), 5 – Alberto Schmitz, 6 – Ramiro Schmitz, 7 – Matilde Finelia Schmitz, 8 – Nelson Schmitz e 9 – Raul Schmitz. Ressaltamos que Evelino e Artur nasceram em Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel, e os demais nasceram em Rio das Pedras, Anitápolis/SC.

filhos, bem como sua mãe, Ana Maria Meurer<sup>66</sup> e seu segundo esposo, Pedro Horr. Roberto adquiriu ainda o lote nº 7, no Rio das Pedras, e mais um terreno com cerca de dois lotes no Rio Gaspar.

Seus irmãos adquiriram aos poucos lotes nº 06, 08, 10, 11, 12, 18, 20, no Rio das Pedras, logradouro rural que é composto por 22 lotes medindo entre 25 a 35 hectares cada um. Adquiriram ainda lotes no Rio do Meio e na Barra Gaspar, Rio do Meio, 2ª Linha e Rio dos Tigres. Todos em Anitápolis.

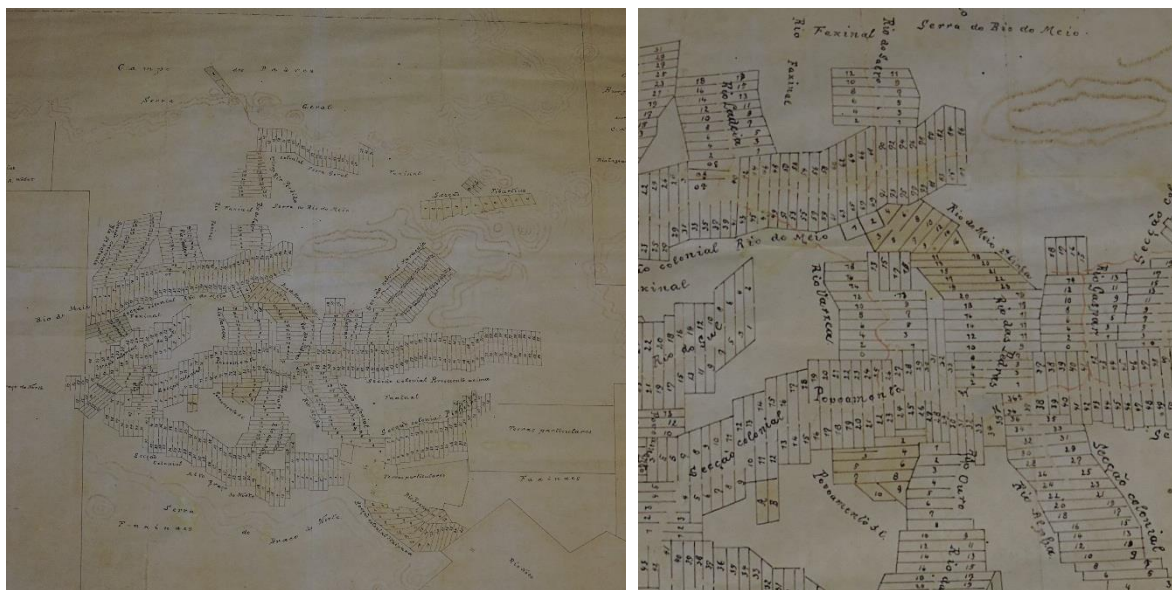


Fig. 9 e 10: Mapa do Núcleo Colonial de Anitápolis datado de 1907, com destaque para o Rio das Pedras. Cópia fornecida pelo Eng. Agrônomo e agrimensor Tiago Guimarães Heinen ao autor.

A família se expandiu, mas quase todos os lotes continuam entre seus descendentes, agora já de responsabilidade de seus bisnetos, e já surgem os trinetos que retiram o sustento destas mesmas terras. Ana Maria Meurer e Pedro Horr<sup>67</sup> passaram a residir no lote nº 04, no Rio das Pedras. Ali permaneceram por alguns anos, mas quando a idade avançou, o casal, necessitando do auxílio dos filhos, em comum acordo, resolveu pela separação. Anna Meurer permaneceu em Anitápolis, aos cuidados de seus filhos e Pedro Horr retornou para Löffelscheidt, para receber os cuidados de seus filhos e netos. A cerca de 300 metros da igrejinha de Löffelscheidt onde Peter Schmitz e Anna Meurer ajudavam na

<sup>66</sup> Pedro Schmitz, filho de Johann Peter Schmitz e Anna Steffens, neto de Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer, conforme tabela IV, falecera em 22/04/1937, Löffelscheidt, Colônia Santa Isabel e sepultado no cemitério local.

<sup>67</sup> Anna Maria Meurer, nascida em 05/07/1865, Colônia Santa Isabel, Águas Mornas/SC; falecida em 20/09/1937, Rio das Pedras, Anitápolis e sepultada em 21/09/1937, no Cemitério Municipal de Anitápolis, localizado na sede do Município de Anitápolis/SC. Pedro Horr (segundo informações de familiares), nascido em 1853; falecido em 11/02/1919, Löffelscheidt, Santa Isabel, Águas Mornas/SC.

administração, reside ainda Maria Horr Loffy, neta de Pedro Horr (2012), tendo por esposo o Sr. Armando Loffy<sup>68</sup>.

Carlos Schmitz, um dos irmãos de Roberto Schmitz, na primeira oportunidade migrou para Criciúma/SC, perdendo assim o contato com a família.

Não foi este o único caso de desligamento de familiares. Os descendentes de Pedro Schmitz<sup>69</sup> perderam totalmente o contato com seus familiares (tios e primos). Segundo se comenta entre os familiares, o motivo do desligamento foi o casamento de Roberto Schmitz, de confissão Católica Apostólica Romana, com Louise Julianne Bauer Schmitz, de confissão Luterana<sup>70</sup>. Seus filhos seguiram a religião do pai, embora o casal, cada qual cumprisse a sua religião.

Os descendentes de Johann Peter Schmitz (filho), acrescidos de descendentes de Mathias Schmitz, mais uma vez transformaram mata virgem em terreno cultivável. Curiosamente não procuraram saber da consanguinidade; o sobrenome bastava para torná-los parentes, amigos e cúmplices na solidariedade e luta pela sobrevivência.

Na década de 1960, o filho mais velho de Roberto Schmitz, Evelino Schmitz, com esposa e filhos, migrou para Porto Mendes/PR, mais precisamente para a região hoje ocupada pelo lago de Itaipu e de lá para o Paraguai. Também lá se dedicaram à agricultura e à pecuária. Há alguns anos seus descendentes vêm sofrendo pressão do governo paraguaio para se naturalizarem e educarem os filhos em escolas de língua local, pois até então, mesmo em terra estrangeira, agem e vivem como brasileiros<sup>71</sup>.

Os descendentes atualmente tentam elaborar a história da família e organizar a complicada árvore genealógica<sup>72</sup>, mas a cada passo esbarra-se na falta de informações, pois ao contrário de Mathias Schmitz, que fez questão de registrar em um diário os fatos principais de uma grande aventura, poucos são dados a registros biográficos. Outro agravante é a falta do hábito de contar a filhos e netos a história da família. Não é raro o(a)

---

<sup>68</sup> Por um lapso meu, como fui na localidade só por curiosidade, não levei material para anotações e quando resolvi escrever sobre, não mais consegui recordar dos nomes do simpático casal o Senhor Loffy e sua esposa, mas por coincidência, uma neta do casal, Silvana Roth, também pesquisando e escrevendo sobre a colonização de Löffelscheidt acabou me auxiliando nas pesquisas e forneceu os nomes de seus avós.

<sup>69</sup> Seus descendentes só vieram saber da existência dos irmãos de Pedro Schmitz quando o autor deste texto iniciou pesquisas na tentativa de recompor a árvore genealógica da família. Ninguém conhece os motivos da separação. Ventila-se a hipótese de ser os casamentos de Roberto Schmitz e de Pedro Schmitz (filho) (católicos) respectivamente com Louise Julianne Bauer e Helena Beppler (luteranas) que viera a culminar com o perrengue entre a família e o padre e talvez em consequência desta desavença, ainda hoje, os descendentes de Pedro Schmitz e de Anna Meurer, embora católicos, não são muito ligados em religião

<sup>70</sup> A família tem em mãos a certidão de casamento civil de Roberto Schmitz com Louise Julianne Bauer Schmitz, expedida pelo cartório de Rancho Queimado, mas jamais soube-se onde e se aconteceu o casamento religioso, mesmo porque, na época o casamento entre religiões diferentes era combatido. Logo, tudo leva a acreditar que este nunca se realizou.

<sup>71</sup> É no Brasil que procuram tratamento médico, financiamentos quando necessário, documentam seus automóveis e adquirem máquinas agrícolas. A decisão do governo do Paraguai levou os novos a envolverem-se com a política local. Mas isto é assunto para outras pesquisas

<sup>72</sup> Cujo resultado encontra-se em <http://johannpeterschmitz.blogspot.com/>



garoto(a) da família não saber o nome completo de seus avós, mais raro ainda é saber a história de vida destes. Outro fato interessante: os familiares não mantêm o hábito da visita aos seus; basta-lhes saber da consanguinidade.

Enquanto os descendentes de Johann Peter Filho partiram de Santa Isabel para o interior da Colônia e de lá para outras localidades em direção da Serra Geral, Mathias Schmitz fixou residência na Colônia Teresópolis<sup>73</sup>, e de lá seus descendentes rumaram para outras regiões. Merece destaque alguns feitos, pois assim como Mathias se destacou no início da aventura, alguns de seus descendentes o fizeram por onde passaram.

**Alza Schmitz Ávila**<sup>74</sup>: Professora Estadual, exerceu as funções de Diretora Grupo Escolar de Jacinto Machado/SC no período 1951/1962, Inspetora Regional de Educação de Jaguaruna/SC nos anos 1964, 1965 e 1968, Inspetora Regional de Educação de Turvo/SC no período 1965/1967. Seu esposo, **Édio Ávila**<sup>75</sup>, foi vereador muito bem quisto em Turvo, cuja Câmara Municipal o homenageou com visita solene, há cerca de três anos, em Anitápolis/SC.

**Mathias Schmitz Filho**: Subcomissário da Colônia Teresópolis, Águas Mornas/SC.

**Walter Schmitz**: Filho de Guilherme (Wilhelm) Schmitz e Magaretha Meurer, neto de Mathias Schmitz Filho e Emilie Kaspers. Foi vereador de Taió/SC, gestão 1950/1954, prefeito na gestão 01/10/1954 à 30/09/1959.

**Raulino João Rosar**: Filho de Ernesto Pedro Rosar e de Emília Laura Schmitz, neto de Pedro Schmitz e Wilhelmine Broering Althoff Schmitz, bisneto de Mathias Schmitz e Anna Maria Gorges. Foi prefeito municipal de Rio do Sul/SC, no período de 31/01/1961 a 07/03/1962, falecendo no exercício do cargo.

**Em Anitápolis**: Os descendentes de Pedro Schmitz e Ana Maria Meurer não exerceram cargos políticos eletivos, mas dois bisnetos, uma trineta e um tetraneto exerceram atividades em Secretarias Municipais, ocuparam secretarias e cargos importantes, tanto na área político administrativa quanto na área social.

Encontramos hoje descendentes dos imigrantes portadores do sobrenome Schmitz ocupando as mais variadas profissões, e espalhados por todo o território brasileiro.

---

<sup>73</sup> “Adquiriu em 1863 por compra de Johann Hammes a Sorte num.14, lado esquerdo, medindo 200 braças de frente por 900 braças de fundo. Na Colônia Teresópolis, para onde se mudou, adquiriu ainda o lote num. 5 da linha Rio Cubatão, margem esquerda, ali se estabelecendo com comércio”. Fonte: Roberto Petroucic, Rootsweb.com, acesso em 2010. Atualmente sem acesso.

<sup>74</sup> Filha de Luiz Schmitz e Cecília Ávila Schmitz, neta de João Schmitz (Janga) e Albertina Medeiros, bisneta de Johan Schmitz e Maria Beppler, trineta de Mathias Schmitz (o líder do grupo de imigrantes) e Anna Maria Gorges, nascida em 18/07/1926, em Jaguaruna/SC, casada com Édio Ávila em 01/12/1951, na mesma cidade. Informações fornecidas pelo filho Édio Schmitz Ávila.

<sup>75</sup> Nascido em 29/03/1929, em Jaguaruna/SC, prático em Farmácia.

## **Qual a verdadeira razão que levou o casal Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer e seus três filhos a empreenderem a grande viagem sem volta?**

Mesmo após todos estes relatos, estudos e pesquisas sobre o velho imigrante, uma pergunta não quer calar. O anteriormente mencionado é a versão tornada oficial pelo próprio Mathias Schmitz, em sua crônica publicada em alemão, na Revista "Blumenau em Cadernos", em 1987. É certo que Mathias alimentava grande aversão pela imigração germânica e em especial para o Brasil, talvez até pela profissão que exercia, pois para um professor a imigração caracterizava abandono e evasão, logo, por maior que fossem os problemas locais, regionais, nacionais e familiares, sempre seria mais interessante e produtivo, tanto profissionalmente quanto politicamente, lutar por melhorias internas. Mas foi justamente para o Brasil que Mathias liderou um grupo de imigrantes numa jornada árdua e inesquecível. A atitude do Mathias é compreensível, pois era jovem (20 anos), solteiro, e não via perspectivas de crescimento em sua terra natal. Logo a mudança radical de ponto de vista frente à imigração, torna-se uma atitude louvável e perfeitamente compreensível, pois não deixava ninguém em especial, salvo amigos, para trás. Já o caso de Johann Peter Schmitz era bem diferente.

No decorrer da Crônica de Mathias, seu autor poucas vezes menciona os pais e os irmãos, mas é também verdadeiro mencionar que não mediu esforços para garantir o bem estar destes. Oficialmente, não se tem noticiado algum questionamento sobre esta versão dos fatos. O que Johann Peter Schmitz, a esposa e os três filhos falaram era verdade absoluta. Só após quase dois centenários da chegada dos pioneiros a Desterro é que pesquisas põem em cheque o que até então se conhecia sobre as razões da família. O que é ainda mais estranho, a família poderia não ser uma verdadeira família composta por pais e filhos.

Verdade que no vilarejo de Löffelscheid, assim como em todo o império germânico, reinava a miséria agravada pela falta de terras para garantir o sustento das famílias, quase sempre numerosas e que a população era explorada por ricos donos de terras. Como as famílias normalmente eram numerosas, as terras eram frequentemente fracionadas hereditariamente, cabendo a cada, uma porção mínima de terras, impossibilitando retirar dela o sustento familiar, o que normalmente os deixava a mercê de ricos fazendeiros e exploradores. O jovem Mathias não mais conseguindo assistir tudo sem reagir, não via alternativas que não a de abandonar a mãe pátria, e tentar a sorte no além mar.

*Uma terra onde não se podia dar um passo em segurança, sem o perigo de ser preso, morto e assado pelos selvagens, que acompanhavam os moradores.*

*Mas mesmo com todos estes perigos em mente: seja como Deus quiser! Aqui na Alemanha não há futuro para mim. Eu resolvi acompanhar, aos 20 anos, meus pais e mais outros emigrantes para o Brasil.*

*Onze famílias, entre as quais estavam filhos e filhas já adultos. Partiram certo dia, cantando alegremente, do pequeno lugarejo de Löffelscheid no Hunsrück, para um novo lar. (SCHMITZ, 1987, p. 153).*

Pesquisas<sup>76</sup> recentes apontam a possibilidade de Mathias não ser filho biológico de Johann Peter. Talvez adotivo, não por criação, mas por força da situação. Há ainda pesquisas que apontam Mathias como meio irmão dos demais. Seria ele um filho, fora do casamento, do velho Johann Peter, ou filho de sua esposa e adotado de coração por Johann? Há ainda a possibilidade dos gêmeos Peter (ou Johann) e Johann Peter serem os adotivos. Assim sendo, que fatores levaram dois adolescentes de apenas 16 anos a adotarem uma família e partirem para o outro lado do Oceano Atlântico, numa viagem só de ida? São perguntas que certamente permanecerão sem respostas para sempre, salvo se algum pesquisador localizar algum documento que por ventura ajude a desvendar o mistério, o que é praticamente impossível, uma vez que os Schmitz nunca foram dados a registrar seus feitos, sejam eles bons ou ruins<sup>77</sup>.

O governo Imperial Brasileiro promovia a imigração germânica, mas havia algumas regras para que imigrantes tivessem direito a receber terras gratuitas no Brasil, e uma delas tinha a ver com o tamanho da família. Famílias com um ou dois filhos recebiam lotes de certo tamanho; solteiros, viúvos ou casais sem filhos, lotes menores; casais com três ou mais filhos recebiam um lote maior, pois era objetivo do governo imperial brasileiro a instalação de famílias em pequenas propriedades rurais visando à produção de alimentos (hoje conhecemos esta política agrícola como Agricultura Familiar), e assim tirando o Brasil da incômoda posição de importador de tudo que consumia.

Em consequência destas regras, não se descarta a possibilidade de Mathias e Johann terem se organizado como se pais e filhos fossem para ludibriar as autoridades brasileiras e assegurar um lote maior para a família, pois um dos objetivos dos pioneiros era de mais tarde retornar à Löffelscheid para buscar os familiares, que porventura ficassem para trás. Esta possibilidade não pode ser descartada uma vez que, como vimos anteriormente, Mathias utilizou-se de cartas emitidas por Delrue para forçar o agenciador a dialogar com seu superior, e até a forçar o próprio Delrue ao diálogo e negociação com o grupo de imigrantes, que levou ao barateamento dos custos da travessia, sob a possibilidade de acionar a polícia local, e conseqüentemente a possibilidade de prisão tanto do agenciador, quanto do dono da agencia por ele representada. Outro ponto que analisado friamente a luz das pesquisas leva a acreditar que realmente poderiam não ser uma família biológica é o fato de Mathias não ficar junto com os demais, em Löffelscheidt, na Colônia

---

<sup>76</sup> Informações prestadas por Roberto Petroucic (pois trocamos informações sobre nossas pesquisas), também pesquisador genealógico e que pesquisa a família Schmitz, por coincidência a descendência de Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer, os mesmos que tratamos no decorrer deste artigo.

<sup>77</sup> Mas as pesquisas não param por aqui. Assim como (eu) autor deste texto, há outros familiares pesquisando sobre o mesmo tema e novas informações poderão surgir.

Santa Isabel. Mas é certo que deveriam ser parentes muito próximos, pois a semelhança física e a maneira de agir entre os descendentes de ambos são muito grandes<sup>78</sup>.

Mathias mencionou em sua crônica que era solteiro e exercia a função de auxiliar de professor. Johann Peter viajou como se agricultor fosse. O que Mathias não mencionou é que Johann Peter não entendia nada de agricultura uma vez que era músico profissional (este fato explicaria a paixão de seus descendentes pela música, pois ainda hoje, é raro uma família Schmitz que não tenha pelo menos um músico). O que levou um músico profissional a abandonar tudo e tentar a sorte numa terra desconhecida, ainda mais, exercendo uma profissão da qual não conhecia nada? O que levou o casal Johann Peter Schmitz e Anna Maria Meurer a associar-se a um possível parente, e com dois filhos de 16 anos, e empreender uma vigem deste porte? O que poderia levar um casal a emigrar para o outro lado o Atlântico levando alguns filhos e deixando outros para trás<sup>79</sup>?

O mais importante de tudo é que só 175 anos mais tarde é que o fato vem a conhecimento dos familiares por intermédio das pesquisas de Roberto Petroucic, casado com uma descendente de Mathias, e também um grande pesquisador genealógico. Por quê? Estariam realmente passando por um período de terrível miséria e as autoridades ou os agenciadores não permitiam a saída de toda a família? Ou a miséria era tanta que os mais velhos se sacrificaram para que os pais pudessem tentar uma vida melhor para depois retornar e buscar os que lá ficaram? Outra teoria que não pode ser descartada é de uma fuga por algum motivo desconhecido, pois não era raro imigrantes que empreendiam a viagem para fugir de problemas internos, tais como: brigas pessoais, problemas com a justiça local, ou para escaparem dos terrores das guerras.

Johann Peter Schmitz, Anna Maria Meurer e os filhos receberam o lote de nº 15, na linha conhecida como Löffelscheidt, lado direito. Mais tarde, Johann Peter Schmitz (filho), ao casar-se com Anna Steffens, recebeu o lote de nº 27, na mesma Löffelscheidt.

Após afixados em suas terras, iniciou-se nova luta pela sobrevivência. Logo o músico teve que aprender a ser agricultor. E o fez com bravura. Viu-se em meio à mata virgem, entregue à própria sorte, e tendo que esquecer seu talento, para dedicar-se a arrancar da terra o sustento para<sup>80</sup> si e os seus. Infelizmente, jamais conseguiu reunir o suficiente para retornar à Alemanha e rever os que lá ficaram. Por mais estranho que possa parecer não

---

<sup>78</sup> Pode-se conhecer um Schmitz, seja ele descendente de Mathias ou de Johann Peter Filho, por um simples olhar. Todos são extremamente parecidos, não só fisicamente, mas no sorriso, na maneira de conversar, no apego pela música, na persistência, na cor da pele (todos são bastante vermelhos), nos hábitos alimentares, na altura e principalmente na estrutura avantajada do nariz. Outra característica importante é a obstinação com que entram numa causa. Vale para todos o velho ditado “dou um boi para não entrar numa briga, mas uma vez nela, dou uma boiada para não sair”. E por incrível que possa parecer, nos momentos mais difíceis, quando normalmente qualquer ser humano esbraveja, um Schmitz sorri friamente. E, acredite ou não, são capazes de brigar sorrindo.

<sup>79</sup> Em momento algum, Mathias ou o casal Johann Peter e Anna Maria mais os filhos Johann Peter e Peter, nem mesmo os demais integrantes do grupo de imigrantes de Löffelscheidt mencionou a alguém que o casal deixou para trás mais 05 filhos biológicos, sendo 03 mais novos que os gêmeos Johann Peter e Peter. Nem mesmo que o mais jovem era ainda uma criança de 11 anos de idade.

<sup>80</sup> Também aqui, as pesquisas continuam.

se tem notícia de qualquer correspondência entre eles, pois embora com grande morosidade, os correios já faziam sua parte, mesmo em épocas com meios de transportes precários. Estariam de fato se escondendo?

Conforme Mathias menciona em sua crônica, “foi realmente um adeus para nunca mais”<sup>81</sup>. Os que ficaram na Alemanha, segundo a pesquisa conseguiu apurar, não tiveram muitos descendentes, mas em contrapartida, Mathias Schmitz e Johann Peter Schmitz (filho), contam com grande prole.

### **Um pouco mais sobre Mathias Schmitz, o imigrante cronista**

Mathias Schmitz nasceu em 04/04/1826, em Löffelscheid, na Alemanha, e faleceu em 20/01/1896, na Colônia Teresópolis onde foi sepultado em 21/01/1896<sup>82</sup>. Também não obteve êxito a busca pelo jazigo de Mathias. Após todos se acomodarem em suas terras, Mathias adquiriu, em 1863 (17 anos após a chegada no Brasil) por compra de Johann Hammes a sorte nº 14, lado esquerdo, medindo 200 braças de frente por 900 braças de fundo na Colônia Teresópolis, para onde se mudou<sup>83</sup>. Adquiriu ainda lote nº 5 da linha Rio Cubatão, margem esquerda, ali se estabelecendo com comércio de secos e molhados, ou seja, vendia e comprava de tudo. Casou-se em Teresópolis com Anna Maria Gorges, também conhecida como Maria Schmitz, nascida em 12/12/1831, falecida 18/01/1890, São Pedro de Alcântara. Tiveram 13 filhos (ver detalhes da Genealogia).

Segundo SCHADEN (1946, p. 32) em 1874, Mathias empreendeu viagem de visita a pátria, com duração de seis meses visando rever parentes e amigos. Alguns colonos, em confiança, passam-lhe procuração para tratar de interesses deles na terra natal. Esteve também em Coblença, visitando o professor Smits, cujas aulas assistira quando moço, e a quem se refere com grande veneração em seu diário de viagem.

Houve até menção a uma segunda crônica escrita por Mathias, intitulada (O Retorno A Deutschland). Mas nenhuma busca por este documento obteve algum êxito.

### **Johann Peter Schmitz Filho**

Johann Peter Schmitz Filho, nasceu em 20/02/1830, Löffelscheid, Renânia-Palatinado, Alemanha. Batizado (segundo Petroucic) em 24/02/1830, Renânia-Palatinado. Recebeu o lote número 27, em Löffelscheidt. Há dúvidas se falecido e sepultado em São Pedro de Alcântara ou em Loeffelscheidt, uma vez que a pesquisa não conseguiu localizar seu jazigo. Casado em 07/10/1853, São Pedro de Alcântara, com Anna Steffens, nascida

---

<sup>81</sup> A sorte dos demais integrantes do grupo não foi diferente. As terras recebidas eram montanhosas e as colheitas fracas não permitiam reunir o suficiente para retornar à terra natal. Foram forçados a se contentarem com as cartas que demoravam muito para chegar ao destino. Mas era a melhor forma que encontraram para matar as saudades dos que ficaram.

<sup>82</sup> Conforme informações repassadas por Roberto Petroucic que as pesquisou na Cúria Metropolitana de Florianópolis, p. 04, nº 02, no Livro de Registros de Óbitos de Teresópolis – Anos 1895-1915).

<sup>83</sup> Fonte: Roberto Petroucic, Rootsweb.com, acesso em 2010. Atualmente sem acesso.

em 06/06/1833, Löffelscheid, na Alemanha; padrinhos: Johann Peter Budinger e Anna Weichsler). Religião: católica (casal e filhos). Tiveram 08 filhos (ver detalhes da Genealogia) além de uma grande quantidade de netos, bisnetos, trinnetos...

### **Peter Schmitz**

Nasceu em 20/02/1830, Löffelscheid, na Alemanha. Batizado (segundo Petroucic) em 24/02/1830, Renânia-Palatinado. Casou-se com Maria Katarina Steffens nascida em 21/11/1836, Löffelscheid, na Alemanha, e falecida em 03/09/1915. A pesquisa não conseguiu muitas informações sobre Peter Schmitz, nem mesmo data de falecimento e local de sepultamento, ou se o casal teve ou não filhos. Mas as buscas continuam.

### **Paixão familiar**

Outro fato interessante. Sabe-se que o velho Johann Peter era músico profissional na Alemanha, mas não se tem noção de qual instrumento dominava. Pela paixão familiar pelo acordeom, imagina-se que tenha sido este seu instrumento, mas tudo não passa de especulação. Os Schmitz são apaixonados por música e esta paixão musical caracteriza-se pela quantidade de músicos amadores encontrados entre os descendentes de Johann Peter Schmitz<sup>84</sup>. Não se tem conhecimento de músicos profissionais (não se dedicam exclusivamente à música), embora alguns tenham na música sua principal fonte de renda. Mas atualmente encontramos quem domine os mais variados instrumentos e os mais variados estilos musicais. Já no período de 1900 a 1970, o instrumento preferido era sempre o acordeom. Raríssimo, a casa de um Schmitz, que não houvesse um acordeom. Mais raro ainda era encontrar uma casa destes que pelo menos um não dominasse a velha gaita, ou melhor, a sanfona, como costumavam falar.

### **Considerações finais<sup>85</sup>**

Algumas considerações pertinentes se fazem necessárias, mas antes de mais nada e para melhor entendimento, o porquê da escolha do título "**As peripécias da família de**

---

<sup>84</sup> Em meu acevo familiar mantenho um acordeom, dois violões, dois saxofones, um teclado e um bombardino. Minhas filhas dominam saxofone e eu bombardino e fazemos parte da Banda Musical de Rancho Queimado/SC. Fora dela, fazemos nossas brincadeiras com os demais instrumentos.

<sup>85</sup> NOTA DE AGRADECIMENTOS, em 10/10/2023, Anitápolis/SC: Em nenhum trabalho de pesquisa histórica ou genealógica é possível alcançar uma verdade absoluta dos fatos relatados. Há sempre espaço para questionamentos e novas informações capazes de melhorar as informações nele contidas. Da mesma forma, não há possibilidade de isoladamente alcançar os objetivos. Portanto, externo aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos (entidades ou pessoas), mencionados no texto ou não, que contribuíram possibilitando chegar a contento, a um ponto final. Agradeço especialmente aos que contribuíram diretamente na elaboração deste artigo. São eles: Giulieth Schmitz (escritora de contos); minha filha, que me auxiliou na redação e formatação dos textos; Silvionei Fortkamp, meu ex-aluno e ex-colega de trabalho, fazendo a primeira correção do texto; Silvana Roth, professora moradora de Löffelscheid e pesquisadora do tema abordado, fornecendo informações importantíssimas; Édio Schmitz Ávila, com repasse de informações sobre pessoas citadas; Roberto Petroucic, cedendo suas próprias pesquisas na elaboração da árvore familiar; Salete Kons por ter enviado material importante para as pesquisas e a Beat Richard Meier por leitura atenta e sugestões oferecidas. Agradeço especialmente a Toni Jochem e a Jonas Bruch, coordenadores do projeto, pelo auxílio indispensável na redação, edição e correção levando ao melhoramento do presente Artigo.

**Johann Peter Schmitz na Colônia Santa Isabel e imediações**". Pois bem. No início das pesquisas que levaram a este texto, a primeira correção foi feita por um amigo e colega de trabalho, que após ler atentamente fez o comentário que segue:

*O texto é leve e escrito de uma forma que pareça uma brincadeira ou uma peripécia e não uma viagem sem volta. Logo, como salvo no momento em que Mathias Schmitz liderou o grupo de pioneiros para forçar o comandante do navio a lhes dar alimentos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentaram, jamais houve uso de força e em nenhum momento o grupo esmoreceu.*<sup>86</sup>

Talvez por Mathias ser o mais instruído do grupo, e pela necessidade de uma liderança, este acabou assumindo o papel e o fez com conhecimento e simplicidade. As decisões que afetaram todo o grupo de imigrantes não foram tomadas no calor do momento. Podemos notar que foram decisões tomadas após aprovação do grupo. Tanto que quando a possibilidade de não poder viajar (devido à falta de dinheiro para pagar o exigido por Delrue) se fez presente, o grupo se reuniu para angariar fundos e dar continuidade ao sonho. Enfrentaram juntos todos os tipos de privações, mas permaneceram unidos. Uma vez no Brasil, quando pressionados a assinar contratos, aguardaram a opinião de Mathias, para só então decidirem que rumo tomar.

Ao longo do texto tentou-se dar um pouco de visibilidade às ações lideradas por Mathias Schmitz. Aponta-se algumas rupturas familiares entre os Schmitz e, fato importante, a falta do hábito de registrar os acontecimentos, sejam eles bons ou ruins. Ficou claro também que a consanguinidade é uma forte aliada uma vez que basta ter o sobrenome Schmitz, ou outra forma de grafia do SCHMID (ferreiro ou metalúrgico), para se considerarem aparentados. Mas também destaca a tenacidade dos pioneiros na luta por seus objetivos.

Abre ainda espaço para novas pesquisas sobre Mathias Schmitz e seu grupo de liderados. Pois cada imigrante certamente teve seus próprios motivos para a jornada. Não há a pretensão de uma verdade absoluta, pois ficam questões abertas, tais como: O que levou Mathias a mudar radicalmente de opinião a respeito da imigração? Quem foi de fato Johann Peter Schmitz? O que levou um possível músico profissional a arriscar tudo numa viagem só de ida? Teria de fato Johann Peter deixado parte da família na pátria mãe? E os demais parceiros de viagem, o que os motivou a migração?

O texto visa trazer um pouco de luz as ações e atitudes dos pioneiros da Colônia Santa Isabel, mais precisamente o primeiro grupo de imigrantes desta que foram instalados em Löffelscheidt. Então pode-se afirmar que Mathias Schmitz estava certo ao abrir sua Crônica dizendo "Após o sofrimento vem a alegria", pois cada imigrante, a seu modo, conseguiu alcançar a esperada felicidade.

---

<sup>86</sup> Outro motivo foi, após ler o texto publicado no Tomo VII, nº 12, na Revista Blumenau em Cadernos, sob o Título "A Vida de um Alemão no Brasil", em alguns momentos encontra-se a expressão "PERIPÉCIAS" referindo-se a atitudes ou ações. Foi o que definiu a escolha do título do presente artigo.

## Referências

BRUCH, J. **A regulamentação e ampliação da Colônia Santa Isabel na década de 1860**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CARUSO, M. M. L.; CARUSO, C. R. **Imigrantes 1748 – 1900: viagens que descobriram Santa Catarina**. Tubarão: Ed. Unisul, 2007. 295p.

**Genealogia da Família Sens**. Disponível em: <http://www.cruiser.com.br/familiasens/f861.htm>. Acessado em: 25 ago. 2023.

**Genealogia Sul-Brasileiras**. Disponível em: <https://gw.geneanet.org/genealogiasulbrasile?n=schmitz&oc=1&p=johann+peter>. Acessado em: 01 mar. 2023.

JOICHEM, Toni. **A epopeia de uma emigração**. Águas Mornas/SC: ed. do autor, 1997. 592p.

JOICHEM, Toni. **180 Anos de Presença da Etnia Alemã em São Pedro de Alcântara**. São Pedro de Alcântara/SC: Ed. do autor, 2009. 26p.

JOICHEM, Toni. **Diário do Imigrante Matias Schmitz**. Disponível em: [http://www.tonijochem.com.br/movimento\\_imigratorio.html](http://www.tonijochem.com.br/movimento_imigratorio.html). Acesso em: 04 out. 2009.

JOICHEM, Toni. **Colônia Sana Isabel**. Disponível em: [http://www.tonijochem.com.br/col\\_santaisabel.htm](http://www.tonijochem.com.br/col_santaisabel.htm). Acessado em: 01 set. 2023.

**Johann Peter Schmitz**. Disponível em: <http://johannpeterschmitz.blogspot.com/>. Acesso em: 01 set. 2023.

RUIZ, G. W. **Família Hillesheim**. Disponível em: [http://www.weber-ruiz.com.br/hillesheim/familia\\_hillesheim.html](http://www.weber-ruiz.com.br/hillesheim/familia_hillesheim.html). Acesso em: 04 jun. 2023.

SCHADEN, Francisco. **Notas Para a História de Löfelscheidt**. São Bonifácio: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1946. 32 p.

SCHMITZ, Mathias. **A Vida de um alemão no Brasil**. Theresópolis, 1867, do Blumenau em Cadernos, Tomo XXVIII, nº 5, de maio de 1987; Diário de Mathias Schmitz, p. 153/163. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1987/BLU1987005.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SCHMITZ, Mathias. **A Vida de um alemão no Brasil**. Theresópolis, 1867, do Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, de dezembro de 1966; Diário de Mathias Schmitz, p. 227/249. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1966/BLU1966012.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2023.

THIESEN FAGUNDES, Cassino. **A trajetória do imigrante Johann Peter Thiesen: Briedel x Colônia Santa Isabel x Distrito do Couto**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2023. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>. Acesso em: 10 out. 2023.

## Como citar este artigo

SCHMITZ, Anildo. **As peripécias da família de Johann Peter Schmitz na Colônia Santa Isabel e imediações**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2023. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.